

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

IGOR CHAGAS AMAZARRAY

**FUTEBOL: O ESPORTE COMO FERRAMENTA POLÍTICA,
SEU PAPEL DIPLOMÁTICO E O PRESTÍGIO INTERNACIONAL**

Porto Alegre

2011

IGOR CHAGAS AMAZARRAY

**FUTEBOL: O ESPORTE COMO FERRAMENTA POLÍTICA,
SEU PAPEL DIPLOMÁTICO E O PRESTÍGIO INTERNACIONAL**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Filippi

Porto Alegre

2011

IGOR CHAGAS AMAZARRAY

**FUTEBOL: O ESPORTE COMO FERRAMENTA POLÍTICA,
SEU PAPEL DIPLOMÁTICO E O PRESTÍGIO INTERNACIONAL**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: Porto Alegre, _____ de _____ de 2011.

Prof. Dr. Eduardo Ernesto Filippi – orientador
UFRGS

Prof. Dr. Arlei Sander Damo
UFRGS

Profa. Dra. Jacqueline Angelica Hernández Haffner
UFRGS

Dedicatória

Dedico este trabalho ao Sport Club Internacional, à Torcida Organizada Camisa 12 e aos milhões de torcedores organizados ao redor do mundo.

Agradecimentos

Agradeço ao Sr. Francisco Amazarray Peña, influência chave nas preferências futebolísticas religiosas desde cedo, a Fernanda Lopes Silva, pelo apoio crítico e presencial na escrita do trabalho e às inúmeras bandas que, além dos livros, serviram de combustível para que este trabalho fosse escrito.

“In March 1998, João Havelange, then president of the FIFA, announced a pet project to the press: to organize a match between the national teams of Palestine and Israel. “If I do not succeed in setting up this match, I will be deeply sorry, because football could help two peoples that have been at odds for too long, to reach an understanding. Where politics, diplomacy and the business world have failed, I believe that football can succeed.”

Pascal Boniface

RESUMO

O presente trabalho busca analisar as relações políticas e sociais resultantes e proporcionadas pelo futebol, com foco na instrumentalização do esporte como ferramenta de geração de *soft power* e prestígio interno e externo para os estados e nações. O principal objetivo é comprovar que o futebol é uma ferramenta viável utilizando exemplos históricos em que, por intenção ou acidente, o esporte tem envolvimento nas agendas governamentais e sócio-políticas. Na conclusão se reconhece a efetividade do esporte e são apresentados cenários dentro da conjuntura atual em que o futebol ainda pode ser utilizado como ferramenta na geração de prestígio e *soft power*.

Palavras - Chave: Futebol, Política Internacional, Soft Power, Promoção Nacional, Diplomacia, Copa do Mundo

ABSTRACT

This paper analyzes the social and political relations that come either as a result or as an opportunity generated by football, focusing on the use of the sport as a tool generating soft power and prestige abroad and at home for States and Nations. The main goal was to prove that football is a viable instrument through the analysis of historical examples in which, by chance or intentionally, the sport was found amidst governmental and socio-political agendas. In the conclusions it is found that the sport is effective and scenarios are presented that can provide a field for football to be used nowadays as an instrument generating soft power and prestige.

Key-words: Football, Soccer, International Politics, Soft Power, National Promotion, Diplomacy, World Cup

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

FC – *Football Club*

FIFA – *Fédération Internationale de Football Association*

ONU – Organização das Nações Unidas

UNPROFOR – *United Nations Protection Force* (Missão de Paz das Nações Unidas na antiga Iugoslávia)

U.R.S.S. – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
Soft Power: conceito, fontes e limitações	16
Exercendo <i>soft power</i>	20
CAPÍTULO 2	
O Futebol como ferramenta política: contextualização e análise de casos	26
CAPÍTULO 3	
O Futebol Ainda Explica Muita Coisa: Possíveis Casos de Estudo no Contexto Social e Internacional Atual	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

INTRODUÇÃO

O papel do esporte nos trabalhos da área de Relações Internacionais geralmente é secundário, não sendo valorizado e, por vezes, considerado irrelevante, sendo deixado à margem pela comunidade científica (ALLISON e MONNINGTON, 2002, p. 106-107; BECK, 2003, p. 389-391). Todavia, os esportes estão presentes em todos os países do mundo, e suas organizações contam com penetração maior que a própria Organização das Nações Unidas (ONU)¹. Diante dessa realidade, é necessário que mais atenção seja dada nos estudos internacionais ao desporto como instrumento na suplementação diplomática e política.

Como Allison e Monnington (2002, p. 107) disseram: “[...] nós podemos notar que Estados utilizam o esporte de duas maneiras: para venderem-se e realçar suas imagens e para penalizar comportamentos internacionais que eles desaprovam.²” A história possui vários exemplos que ilustram tal observação. Os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 utilizados amplamente pelos nazistas para propagandear a Alemanha superior e a grandeza do regime (SHIRER, 1960; LARGE, 2007) são um caso emblemático, além das Olimpíadas de Moscou e de Los Angeles, que, devido à Guerra Fria, sofreram boicotes dos Estados Unidos e da União Soviética, respectivamente.

O tema também é atual, levando autores como Singh (2006) e Nye (2008) a comentarem sobre como as Olimpíadas de Pequim serviriam para aumentar o prestígio da República Popular da China em âmbito nacional e internacional -

1 Por exemplo, em 2011 a ONU conta com somente 192 Estados-Membros, enquanto o Comitê Olímpico Internacional tem 205 países afiliados e a FIFA 208.

2 [...] *we can note that states have used sport in two principal ways: to sell themselves and enhance their image and to penalize international behaviour of which they disapprove.*

e conseqüentemente seu *soft power* - ao mostrar superação e determinação de seu povo. Tendo em vista esse movimento na política internacional, há a crescente necessidade de estudos que percebam o esporte não apenas como a atividade competitiva, mas como um ato político e, algumas vezes, ideológico (SHIRER, 1960).

A atualidade do tema serve como a principal inspiração para a elaboração do presente trabalho que busca comprovar como o esporte pode ser relevante para as relações internacionais, ao gerar recursos políticos úteis (ALLISON *apud* BECK, 2003, p. 390) e, mais especificamente, como o futebol, o esporte mais popular do mundo, serve de recurso de emulação das interações entre os atores internacionais e veículo de *soft power*.

É necessário ponderar que há um desafio na conciliação da ciência com o esporte das massas, havendo diversos riscos, até mesmo passionais, que devem ser observados na compilação de um trabalho acadêmico que aborde o futebol. A extensa gama dos cenários e momentos históricos em que o futebol se mistura com o turbilhão das mudanças, ou age como força motriz de movimentos políticos e sociais, fornece grande variedade de casos que podemos explorar em adaptações de inúmeras teorias da ciência política e antropológica. Não é rara a transposição das realidades políticas com cotidianos alheios às tribunas e palácios, contudo, o futebol se apresenta como o esporte que mais se cruza com as viradas políticas e sociais no mundo, tanto sendo afetado por e refletindo as reações da sociedade dentro do estádio, quanto sendo estopim de mudanças e berço de atos que definem a história em alguns momentos, como o conflito entre Honduras e El Salvador em 1969 (KAPUSCINSKI, 1992).

Talvez a grande explicação para o entrelaçamento do futebol com a História esteja na sua própria configuração: o esporte bretão é o substrato para as relações humanas que mais facilmente absorve as tensões conjunturais que definem as interações

entre grupos e esferas sociais, étnicas e religiosas. Analisando o futebol como um microcosmo do cotidiano social é possível, através do estudo de casos, verificar a aplicação de teorias diversas, como, por exemplo, do conceito de *soft power*, definido por Joseph Nye. Pode-se até mesmo estabelecer uma analogia para a “fuga de cérebros” dos países periféricos observando-se o fluxo de jogadores que saem da América do Sul para fortalecer os grandes times europeus. É necessário observar que o vínculo institucional imbuído em esportes como o futebol substitui as acomodações teóricas da geopolítica para os conflitos internacionais, transpondo as barreiras belicistas e políticas, penetrando como nenhum outro ardil em todos os meios, sendo, assim, a maneira mais efusiva de levar a imagem de determinado país aos meios mais reclusos. Boniface³ faz um paralelo interessante ao se referir ao império brasileiro do futebol, império sobre o qual o sol nunca se põe dada a extensão da presença de seus jogadores e penetrabilidade da cultura do futebol brasileiro.

Sob o auspício do futebol se propagaram idéias, se definiram regimes, se organizaram resistências e se emularam conflitos, e, através da apresentação de casos históricos, o presente trabalho pretende demonstrar tal afirmação. Os casos escolhidos para análise passam pelas definições de nacionalismo, conflitos sectaristas e pelo embate entre correntes extremamente opostas no espectro sócio-político. Serão analisadas as dinâmicas políticas, sociais, religiosas e econômicas que desenharam as interações entre clubes e equipes nacionais, fazendo com que se configure a instrumentalização do esporte. Desde as interações clubísticas na Espanha do *Real Madrid* de Franco e o Barcelona da Catalunha, representando todas as províncias destituídas de sua identidade cultural, tendo em campo a incorporação de um regime autoritário. Nos Bálcãs será explorado o conflito entre Croácia e Sérvia, e como o

³ BONIFACE, Pascal. *Football as a factor (and a reflection) of international politics* (2002)

futebol foi fator decisivo no desencadear do conflito, trazendo o nacionalismo exacerbado aos gramados, em 1990. A disputa sectarista escocesa, transferida ao embate entre o *Celtic FC* e o *Rangers FC* demonstra como o esporte incorpora não apenas o nacionalismo, mas acaba imbuído de valores religiosos, representando agendas fundamentalistas. Ainda, serão vistos exemplos de como o futebol pode substituir o bonapartismo, ao passo que é utilizado na legitimação de regimes autoritários, na Argentina, Brasil e outros países; e será examinada a diplomacia da bola, visando facilitar o acesso brasileiro a mercados, culturas e, até mesmo viabilizando a presença militar brasileira no Haiti.

É importante observar que o futebol por si só não serve como explicação para os fenômenos e sofrimentos da sociedade internacional. O esporte os reflete, o esporte nos permite observar as reações mais primais de populações face às mudanças estruturais do mundo e face às transformações internas, como se verificou na Espanha de Franco, por exemplo. A FIFA não tem o poder de resolver questões que as grandes potências, a ONU e anos de esforços diplomáticos não conseguem solucionar, sem dúvida, contudo, o futebol pode ser o catalisador ou o fator decisivo. Dessa forma, o futebol é sintoma, ferramenta, gatilho e válvula de escape.

Sociologicamente falando, a versatilidade do futebol para a amostragem das dinâmicas e interações das populações durante as situações mais adversas é notável – como dores, uma análise através do futebol, pode trazer sintomas de mudanças que ocorrerão em determinado local. Se verificarmos diversos eventos históricos, veremos que poucas ferramentas podem ser utilizadas em uma gama tão extensa de atividades políticas. De 1934, com Mussolini proclamando a vitória do fascismo na Copa da Itália, passando, em 1958, pelo time da Frente de Libertação Nacional da Argélia, que precedeu a criação do Estado argelino, estabelecendo identidade nacional. E, chegando em 1994, com a

partida entre o combinado da UNPROFOR⁴ e o *Sarajevo Club*, que foi utilizada para demonstrar que a paz voltara, pois o futebol era novamente presente – manobra repetida de maneira similar anos depois pelo Brasil, no Haiti. Como gatilho, podemos observar o conflito já mencionado de 1969, conhecido como “Guerra do Futebol”, e também o conflito nos Balcãs em 1990, no qual as hostilidades iniciaram dentro de estádios. Como válvula de escape, o futebol atende às populações oprimidas a chance de expressão e organização, como se observa na Espanha dominada por Franco, na Itália de Mussolini e no Irã, como veremos mais detalhadamente.

Melissen (2005) expôs os meios dos quais um país dispõe para o emprego do *soft power*. Ao cruzarmos as referências de Joseph Nye (1990, 2004 e 2008) com outros teóricos dos diferentes tipos de poder, é possível verificar que, em uma época em que a ação bélica produz altos custos institucionais e econômicos, além de conseqüências políticas, a extensão das influências por meios que não sejam de imposição militar e, ou, econômica, surge como alternativa estratégica viável. Nesse ponto entra o poder brando, e os meios de exploração da cultura, esporte e imagem como ferramentas persuasivas e facilitadoras nas interações do sistema internacional (KENNEDY, 2005).

⁴ *United Nations Protection Force*. Missão de Paz das Nações Unidas na antiga Iugoslávia

CAPÍTULO 1

Soft power: conceito, fontes e limitações

Não há consenso sobre o conceito de poder nas Relações Internacionais. A conceituação mais amplamente aceita é de que o poder é a habilidade de obter os resultados desejados e, diretamente, a habilidade de influenciar os outros para obtê-los (NYE, 2004, p. 1-2). Na política internacional, há três meios de realizar essa interação com os outros países: coerção, indução e cooptação. A partir disso, Nye (2004, p. 5) divide o poder em dois tipos: o *hard power* e o *soft power*, o primeiro sendo o poder de coagir e induzir, e o segundo o de cooptar. O *hard power* tem suas bases em ameaças e barganhas através dos poderes econômico e militar para fazer com que os Estados façam o que se quer, enquanto o *soft power* consiste em fazer com que os outros países queiram a mesma coisa que se procura obter, ou seja, moldar as preferências dos outros.

Entretanto, Nye ressalta que *soft power* não é somente influenciar – visto que influência também pode ser realizada através de *hard power* – e nem persuadir, mesmo que esses sejam aspectos importantes dele, mas é também atrair, e a atração leva muitas vezes à aquiescência (2004, p. 6). Nas palavras do autor:

Se eu sou persuadido a seguir os seus objetivos sem qualquer ameaça ou troca acontecendo – em resumo, se meu comportamento é determinado por uma atração observável, porém intangível – o *soft power* está agindo. *Soft power* usa um tipo diferente de moeda (nem força, nem dinheiro) para engendrar cooperação: uma atração a valores em comum e à justiça e dever de contribuir para alcançar esses valores (NYE, 2004, p. 7)⁵.

5 If I am persuaded to go along with your purposes without any explicit threat or exchange taking place—in short, if my behavior is determined by an observable but intangible attraction—soft power is at work. Soft power uses a different type of currency (not force, not money) to engender cooperation—an attraction to shared values and the justness and duty of contributing to the achievement of those values.

O *soft power*, portanto, cria um ambiente propício para que os outros países desenvolvam preferências semelhantes ou então que tenham interesse em seguir os mesmos objetivos. As fontes de *soft power* de um país para criar esse ambiente são inúmeras, mas as principais, de acordo com Nye (2004, p. 11; 2006) são: a cultura (em lugares onde ela é atrativa para os outros), os valores políticos (praticados tanto internamente quanto externamente) e a política externa (quando vista como legítima e havendo uma autoridade moral). Todavia, os valores políticos fazem parte da cultura da nação e por isso usaremos apenas uma distinção entre cultura e políticas governamentais externas e internas.

A cultura de uma nação é uma fonte mais efetiva de *soft power* quando seus valores são bastante abrangentes e universais, pois possuem uma maior capacidade de atrair outras culturas (através de meios populares e de elite). Entretanto, se a cultura do outro país for muito rígida e tiver valores muito específicos, é improvável que a do primeiro consiga exercer qualquer atração, fato que pode ser observado nas culturas islâmicas e politicamente fechadas do leste asiático. Podemos exemplificar de maneira prática essa relação com a própria cultura brasileira, mais especificamente com o Carnaval: enquanto essa festividade atrai pessoas do mundo todo em geral, em países mais fechados, ou onde a cultura religiosa é muito rígida e as mulheres sempre devem cobrir todo o corpo para sair em público, ela é vista como ofensiva e ultrajante e, portanto, não exerce atração alguma.

A cultura de um país se difunde via comércio, tanto o comércio de bens quanto o comércio de cultura (cinema, marcas, literatura, culinária, arte, teatro), e intercâmbios culturais (basta pensar que inúmeros líderes de todo o mundo estudaram em universidades americanas). É importante ressaltar que não é apenas o governo que controla a difusão cultural e o seu *soft power*, mas as empresas multinacionais e

indivíduos renomados também;, por exemplo a *Apple* para os EUA, a Ferrari para a Itália e o Pelé para o Brasil. Entretanto, nem sempre o *soft power* desses grupos pode ser acrescentado ao total do país, pois há a possibilidade de que faça o contrário do que se deseja e aja contra o *soft power* nacional (NYE, 2004, p. 17), como, por exemplo, a Petrobrás na Bolívia e o reflexo negativo das más práticas de multinacionais nos países da periferia em geral, no caso de empresas norte-americanas e européias.

A política de um governo também pode ter efeito similar, aumentando ou diminuindo o *soft power* de um país. Se as práticas internas, em questões tanto de valores políticos quanto medidas mais concretas, forem contrárias ao que se prega internacionalmente, há diminuição de *soft power*. Portanto, o governo do país não pode ser hipócrita e deve manter uma política coesa em três esferas distintas: a interna, a bilateral e a multilateral. Um país pode conseguir mais *soft power* ao fazer regras, instituições internacionais e ao definir agendas multilaterais que pareçam legítimas aos olhos dos outros (NYE, 1990, p. 168; 2004, p. 10), ou seja, o aumento de *soft power* está diretamente ligado com o aumento de legitimidade na comunidade internacional. Os mecanismos internacionais de *accountability* e as ferramentas de propagação e prorrogação de poder têm efeito direto na concentração de poder dos atores internacionais, sejam eles Estados, Organizações Internacionais ou grandes corporações multinacionais. Os atores estabelecem precedentes que servem como modelos a seguir, fazendo com que os outros queiram o mesmo que ele – claramente o *soft power* atua nesses casos.

O *hard power* também é gerador de *soft power*. Muitas vezes, nações sentem-se atraídas por outras por causa de seu poderio militar ou econômico o que, em uma óptica Darwinista, é fator natural da atração pelo pujante e pelo “mais forte”. Nye (2004, p. 26) cita Osama Bin Laden: “quando as pessoas vêem um cavalo forte e um cavalo fraco, por

natureza, eles vão gostar do cavalo forte.⁶” Esse ponto leva Noya (2006) a criticar Nye por fazer uma teoria tão dualista, e ele diz que, como consequência lógica da afirmação de Nye, poderíamos concluir que qualquer fonte legítima de poder produziria *soft power* (NOYA, 2006, p. 57). Contudo, Nye (1990; 2004) deixa claro que apesar de haver um jogo entre os dois tipos de poder, cada um possui fontes primárias bem diferentes. Kennedy (2005, p. 1-2) também afirma que ao contrário do que se pensa, os dois tipos de poder podem andar juntos sim, não sendo antitéticos⁷, como, por exemplo, o Exército dos Estados Unidos com o *America's Army*, jogo que permite aos usuários situações de combate clássicas e de manual (operações de bandeira, assalto a estruturas, *et coetera*) personificando os militares norte-americanos lutando contra ameaças terroristas e outras forças. O jogo é gratuito e serve como plataforma de recrutamento e *ombudsman* para os militares. Como disse Carr (*apud* MELISSEN, 2005, p. 2) “poder sobre a opinião não é menos essencial para propósitos políticos do que o poder econômico e militar, e sempre esteve associado com eles.” É notável a interação entre os dois tipos de poder, principalmente o papel do *hard power* como fonte secundária de *soft power*.

Os efeitos dessas fontes são difusos, característica fundamental do *soft power*. Esse tipo de poder não é facilmente perceptível em um só ponto, ele normalmente se encontra disseminado de forma ampla por toda a população de um determinado país. Desse fato se apreende que para o *soft power* surtir mais efeitos é necessário que o povo tenha voz na política, ao menos em parlamentos, e que governos dêem atenção à opinião pública; democracias tendem a ser mais receptivas ao *soft power*. Afinal “[...] *soft power* depende mais do que o *hard power* da existência de intérpretes e receptores bem dispostos⁸” (NYE, 2004, p. 16). Em uma sociedade oprimida, a penetração de cultura

6 “When people see a strong horse and a weak horse, by nature, they will like the strong horse”.

7 O autor também acredita que os dois tipos de poder estão se unificando, principalmente o norte-americano.

8 [...] *soft power* depends more than *hard power* upon the existence of willing interpreters and receivers.

externa é menor, portanto, a cultura local serve como ferramenta de propagação de interesses do estrato social dominante, como se observa na Coreia do Norte, onde programas de televisão são focados em moldar o jeito que a população deve cortar seus cabelos e que tipo de relação pessoal deve ser cultivada⁹.

Por causa dos efeitos difusos da atração gerada pela cultura e por políticas governamentais, é raro observar uma ação específica que tenha ocorrido por causa do *soft power*; com ele cria-se justamente uma influência geral e não um comando de ações determinadas – ele não gera obrigações tangíveis. Tendo isso em mente, nota-se que o *soft power* produz, mais frequentemente, efeitos de longo prazo¹⁰, e, justamente por causa disso, ele é mais efetivo em objetivos distantes no tempo e não muito específicos, tais como a defesa da democracia e dos direitos humanos, com a ressalva de que a efetividade em objetivos imediatos depende muito do contexto em que se encontra (NYE, 2004, p. 16-17). Ao buscar a conceituação de ocorrências específicas na história, é possível adaptar o concerto de James Brown no dia 5 de abril de 1968 como um evento cultural que mudou os rumos da História em Boston¹¹, assim como pode-se dizer que o tricampeonato mundial em 1970 serviu para que a ditadura no Brasil pudesse mascarar seus atos de tortura e opressão popular (KAPUSCINSKI, 1992, p. 159).

Exercendo *soft power*

Ao contrário do *hard power*, o *soft power* não é uma ferramenta governamental tão facilmente utilizável para atingir resultados de maneira ágil. Ameaças e barganhas têm um tempo de resposta muito menor do que o da atração. Outro motivo para que o

⁹ O programa de televisão da República Popular Democrática da Coreia “*Let’s Trim our Hair in Accordance with the Socialist Lifestyle*” (título em inglês), que sugere um modelo ideal para os cortes de cabelo da população, ilustra o quanto a cultura promovida pelo regime pretende incorporar-se no cotidiano dos habitantes do norte da península, influenciando suas preferências e valores estéticos.

¹⁰ Efeitos mais diretos ocorrem mais esporadicamente, normalmente envolvendo a perda de *soft power*.

¹¹ “The Night James Brown Saved Boston”

soft power não seja facilmente exercido pelos governos é o fato de que poucas são as fontes que se podem manejar para conseguir resultados específicos – ele serve mais para moldar favoravelmente o ambiente em que ações são tomadas (NYE, 2004, p. 99). Tal configuração faz com que o *soft power* seja, muitas vezes, incidental. A partir do momento em que uma nação percebe que sua cultura, ou parte de sua cultura, exerce algum tipo de influência positiva no exterior, o governo e aqueles que atuam internacionalmente passam a explorar tal característica como uma ferramenta de penetração e facilitação nas suas relações internacionais. Em uma discussão de origens, é fácil definir o que surgiu antes se for interposta a questão: o que vem antes, o samba ou a utilização dele como ferramenta pelo Brasil? Logicamente, o samba nasceu sem pretensões de ser utilizado em feiras e eventos internacionais para aumentar o sentimento pró-Brasil ou para quebrar o gelo político e comercial, o fato que consiste no samba funcionar bem dessa forma faz com que ele seja instrumentalizado, assim como o futebol, o cinema e as celebridades internacionais.

Além das políticas específicas para cada situação, que dependem muito do contexto, um governo pode manter ou produzir *soft power* ao promover uma boa imagem de seu país, tornando atraente para outras nações aspectos gerais de sua cultura, sociedade e valores políticos. Melissen (2005, p. 19) distingue quatro métodos para que um país possa fazer isso: propaganda, o país como marca¹², (ferramenta muito utilizada pelo Brasil na promoção de suas exportações na atualidade), relações culturais em geral e diplomacia pública.

O primeiro método, a propaganda, deliberadamente procura dar uma informação que mude a opinião e os interesses dos receptores em benefício daquele que a divulgou, tenta dizer o que eles devem pensar, estreitando as possibilidades de escolha de acordo

12 *Nation branding*, no original.

com a vontade do propagandista (MELISSEN, 2005, p. 19-22). No passado, essa forma de atração foi amplamente utilizada; hoje, porém, um governo deve ter cuidado ao usá-la, porque “informação que pareça ser propaganda pode não apenas ser desdenhada, mas também pode se tornar contraprodutiva, se minar a reputação por credibilidade de um país.¹³” (NYE, 2004, p. 107). A informação que o governo norte-americano divulgou sobre o Iraque de Saddam Hussein estar desenvolvendo armas de destruição em massa, que serviram de justificativa para a guerra de 2003 e que acabaram minando muito a credibilidade dos Estados Unidos ao se mostrarem infundadas, assim como as campanhas propagandísticas durante a Primeira Guerra Mundial, que estabeleceram a figura dos alemães como hunos que cometiam atrocidades como crucificações e os aliados, do lado alemão, como cruéis captores que cegavam prisioneiros alemães.

A divulgação de um país como marca é a venda da imagem do país no exterior, uma tentativa de mudar o olhar da opinião pública internacional ao projetar uma identidade que se destaque daquelas dos outros países (MELISSEN, 2005, p. 22-25). Na maioria das vezes, um dos principais objetivos desse método é criar mercados externos para produtos nacionais, e para isso deve haver uma ação conjunta do governo com empresas e outras organizações não-governamentais. A construção de uma nova imagem positiva para o país já basta para aumentar o *soft power*. O Brasil explora essa possibilidade atualmente com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimento – ApexBrasil, através de projetos como o *Brazilian Furniture* e o *Brazilian Footwear*, denominados Projetos Setoriais Integrados, que buscam desenvolver a identidade de setores estratégicos da indústria brasileira no exterior, associando a marca “Brasil” com qualidade e diferencial de design, arrojo e inovação. Nesses casos há uma iniciativa governamental, mas, com o passar do tempo, as próprias

13 Information that appears to be propaganda may not only be scorned but also may turn out to be counterproductive if it undermines a country's reputation for credibility.

marcas acabam individualmente obtendo benefícios do posicionamento de imagem da marca nacional.

As relações culturais diferem dos outros três métodos, uma vez que originalmente são tidas como uma voz não-governamental nas relações internacionais dos países. Elas servem para difundir idéias e incentivar debates acerca das distintas realidades entre povos, não estando diretamente ligadas a políticas externas. Apesar disso, as relações culturais vêm sendo apropriadas e/ou fomentadas por governos, tornando difícil uma clara separação (MELISSEN, 2005, p. 25-27). O *lobby* corporativo por trás do cinema, e da produção cultural como um todo, instrumentaliza a propagação cultural como meio facilitador para aceitação de marcas internacionais, produtos e ideologias. Nos Estados Unidos, entidades religiosas e igrejas evangélicas como a Igreja de Nazarene investem pesadamente na produção de cultura que propague seus valores morais e suas mensagens, assim como o *product placement* atende aos interesses das mais diversas corporações em todo o espectro da produção audiovisual em todos os cantos do mundo.

O quarto e último método, a diplomacia pública, é tido por Melissen como um instrumento-chave do *soft power* (2005, p.3). Como diz o nome, esse tipo de diplomacia visa à opinião pública dos países estrangeiros, propagando uma imagem positiva do país e criando laços amistosos – o que gera mais *soft power* (NYE, 2004, p. 105-118). O que o diferencia dos demais métodos, é o fato de que ele estabelece um diálogo com as sociedades civis dos outros países (não se confinando à transmissão de informações, como a propaganda), para manter boas relações entre Estados e conservar e ampliar as conexões culturais, complementando o método do “país como marca” e sobrepondo-se, nesse ponto, às relações culturais (MELISSEN, 2005, p. 19-27; NYE, 2004, p. 111). Nye (2004, p. 107-110) põe em evidência três dimensões da diplomacia pública que

juntas formam uma imagem atrativa a favor do *soft power*: comunicação diária, que envolve explicar e expor o contexto das decisões de política externa e interna do dia-a-dia, estando sempre preparado para corrigir informações falsas que tenham sido divulgadas a seu respeito; comunicação estratégica, com eventos simbólicos e debates acerca de temas específicos para facilitar a aceitação de alguma política governamental em particular; e o desenvolvimento de relações duradouras com indivíduos-chave ao longo do tempo através de intercâmbios, conferências, treinamentos. O autor também ressalta que para funcionarem, devem estar em sintonia com a postura internacional do país, já que não adianta dizer uma coisa e fazer outra, porque isso levaria a uma crise de credibilidade e faria o país perder *soft power* (NYE, 2004, p. 111).

Conforme Wang, a efetividade da diplomacia pública varia conforme o objetivo procurado (2006, p. 35-40). Para ele, os grupos subnacionais, e não o governo, são os melhores para criar e manter um entendimento comum e cooperação mútua. Na hora de transmitir ideais e valores nacionais, o governo e esses grupos são igualmente relevantes; porém, em políticas governamentais e suas metas, grupos subnacionais não têm muita importância. O autor também afirma que o governo deve servir mais amiúde como patrocinador, e os grupos mais como comunicadores e facilitadores (WANG, 2006, p. 40). Tanto ele quanto Melissen (2005, p. 29-30) lembram que o ideal é que o governo aja sempre em conjunto com os grupos subnacionais para maior eficácia da diplomacia pública. Um exemplo de ação conjunta, em uma esfera menor, é a visita do presidente da França, Jacques Chirac, à América do Sul em 1997, na companhia de Michel Platini e o pleito interposto pelo presidente perante a FIFA para que a Bolívia não perdesse o mando dos jogos devido à altitude nos jogos eliminatórios para a Copa de 1998, fazendo com que a delegação francesa fosse recebida com festa no país andino (BONIFACE, 2002). Um “gol de placa” diplomático, com a assistência da presença do

maior craque do futebol francês até aquele momento (o mundo veria Zidane apenas a partir de 1998 como o craque que foi). Veremos na sequência como o futebol se comunica com a propagação do *soft power*, viabilizando e auxiliando na consolidação das identidades nacionais e atuando como catalisador e *proxy* em conflitos e na observação de fenômenos sociais durante a história.

CAPÍTULO 2

O Futebol Como Ferramenta Política: Contextualização e Análise de Casos

Dentre as inúmeras ferramentas políticas utilizadas para controle e manipulação popular, poucos meios têm aceitação tão fácil quanto os meios esportivos. A íntima conexão do esporte com o povo e a linguagem simples relacionada ao esporte de massas que é o futebol acabam por fazer com que, em diversos momentos, os movimentos sociais e as oscilações políticas se confundam com as interações entre torcedores, jogadores, clubes e seleções nacionais. Para compreender a importância da instrumentalização do esporte é possível utilizar o exemplo das Olimpíadas em Berlim, no ano de 1936.

A situação europeia no entreguerras era de desequilíbrio na balança de poder, com ausência de um claro poder hegemônico. As tentativas das potências europeias de mostrar suas capacidades eram amplas e oportunistas. Desta forma, em 1936, a Alemanha se aproveitava das Olimpíadas para mostrar ao mundo suas capacidades (SHIRER, 1960). De maneira não antes vista, o mundo testemunhava um espetáculo de entretenimento e organização. Placas discriminatórias foram retiradas temporariamente e a realidade era moldada para as percepções dos visitantes estrangeiros:

Nenhuma edição anterior dos jogos olímpicos havia tido organização tão espetacular e tão exuberante mostra de entretenimento. Göring, Ribbentrop e Goebbels organizaram festas arrebatadoras para os visitantes estrangeiros – a “Noite Italiana” do Ministro da Propaganda no Pfaueninsel perto de Wannsee teve mais de mil convidados para o jantar, em uma cena que lembrava as Mil e Uma Noites. Os visitantes, especialmente aqueles da Inglaterra e da América, se impressionaram com o que viram: aparentemente um povo feliz, saudável e amistoso unido sob Hitler – uma imagem muito

diferente, disseram, do que eles haviam definido pelos relatórios jornalísticos de Berlim. (SHIRER, 1960, p. 233)¹⁴

O exemplo dos jogos em Berlim foi inspirado e pode ser comparado à Copa do Mundo na Itália dois anos antes, sob o governo de Mussolini. Para o regime fascista, a vitória da Itália era uma vitória do fascismo contra outras ideologias. Hitler percebeu a oportunidade que teria com as Olimpíadas e maximizou a experiência (BONIFACE, 2002). No entanto, o exemplo enaltecido e extraído naquele momento pela história é o de Berlim, se ponderarmos sobre a expressão dos eventos esportivos à época, é possível verificar com facilidade que, naquele momento, as Olimpíadas contavam com maior adesão e maior exposição. Em 1930, no Uruguai, a primeira Copa do Mundo contou com 13 participantes, na Itália, em 1934, 16 países: nas Olimpíadas de 1936, 49 países estiveram representados em Berlim, havendo maior exposição até mesmo pelos países que estiveram presentes em cada um dos eventos. No Uruguai, apenas a França participara entre as grandes potências européias, e na Itália a Inglaterra seguia ausente. Antes da década de 1930, não havia uma tradição forte em esportes internacionais; se tomarmos o caso do futebol no Reino Unido, verifica-se que, até 1929, as seleções da Escócia, do País de Gales e Irlanda não haviam jogado contra oponentes não-britânicos. A vocação política e a transposição de fronteiras pelo futebol inicia-se em uma das décadas mais instáveis do século. Apenas duas décadas depois, em 1954, ocorreria a primeira transmissão televisiva de uma Copa do Mundo, mesmo assim, apenas ocorreria para partes da Europa.

De toda sorte, tanto na Copa da Itália em 1934, quanto nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, fica clara a instrumentalização do evento esportivo para propagar a

¹⁴ No previous games had seen such a spectacular organization nor such a lavish display of entertainment. Göring, Ribbentrop and Goebbels gave dazzling parties for the foreign visitors – the Propaganda Minister’s “Italian Night” on the Pfaueninsel near Wannsee gathered more than a thousand guests at dinner in a scene that resembled the Arabian Nights. The visitors, especially those from England and America, were greatly impressed by what they saw: apparently a happy, healthy, friendly people united under Hitler – a far different picture, they said, than they had got from reading the newspaper dispatches from Berlin.

imagem de um país, ou doutrina, vitorioso. No exemplo alemão é mais flagrante a tentativa de passar aos potenciais adversários no cenário internacional a imagem de um país que está dando certo no regime nazista. O esforço para maquiar os problemas da nação e melhorar a imagem do país é algo que segue sendo feito por países que sediam tais eventos, porém, a percepção dos benefícios que poderiam ser colhidos por tal ação é datada, em tempos contemporâneos, da década de 1930 (KUPER, 2003). Os governantes demonstram preocupação com a imagem dos países governados em uma era de afirmação ideológica. A preocupação com ideologia também era visível na gestão interna dos esportes pelos governos fascistas. Mussolini mudou o nome de times que remetiam à língua inglesa, como AC Milan, que se torna Milano, e Internazionale, que passa a ser chamado de Ambrosiana. Hitler via no esporte a ferramenta para obter uma nação de soldados aptos ao combate:

Para os primeiros nazistas, o esporte teria apenas um propósito: criar soldados. “Dê a nação alemã seis milhões de corpos impecavelmente treinados em esportes,” escreveu Hitler em *Mein Kampf*, “todos brilhando com amor fanático pela pátria e criados no maior espírito de ataque, e um estado nacional vai fazer deles um exército em menos de dois anos se necessário. (KUPER, 2003, p. 26)¹⁵

Tamanha era a determinação nazista para desenvolver um exército através do esporte que até mesmo modalidades esportivas especiais foram desenvolvidas para tal fim. O *Wehrsport* contava com competições como lançamento de granadas e marcha, modalidades que, todavia, não conseguiam dissuadir a população de jogar futebol. A utilização do futebol como ferramenta para doutrinação do povo e introdução de costumes sociais pode ser percebida também na Ásia, em texto de 1935:

Estadistas iranianos há anos se lamentam: “nós iranianos não sabemos cooperar.” Mas como se ensinam as pessoas a cooperar, como se as ensinam a “jogar o jogo”? Obviamente que jogando jogos, e então nós introduzimos o futebol, [...] e naturalmente os garotos tomaram os [jogos em equipe] como

¹⁵ *To the early Nazis, sport could have only one purpose: breeding soldiers. “Give the German nation six million bodies impeccably trained in sport,” wrote Hitler in Mein Kampf, “all glowing with fanatical love of the Fatherland and raised in the highest spirit of attack, and a national state will make an army of them in less than two years if necessary.”*

garotos o fazem em qualquer lugar do mundo (JORDAN *apud* CHEHABI, 2002, p. 236)¹⁶

O papel do futebol como ferramenta política é perceptível a partir da análise de partidas amistosas entre as grandes nações europeias durante a década de 1930. Nações que estavam prestes a entrar em guerra se enfrentaram em partidas que são consideradas marcos históricos por diferentes motivos. Quando a Alemanha jogou contra a França em 1933, em Berlim, o primeiro amistoso na era nazista, pouco se comentou sobre o jogo dentro do gramado, que acabara empatado em 3x3. Jornais franceses enalteciam a educação dos alemães e Jules Rimet, presidente da Associação Francesa de Futebol na época, fez promessas de corrigir as falsas impressões sobre a Alemanha nazista na França. Inegavelmente, o regime nazista utilizou o esporte vastamente dentro de sua política de encantar outros países, e nesse sentido os amistosos desempenharam papel fundamental. Antes da preocupação de utilizar o esporte como ferramenta para demonstrações da superioridade ariana, o esporte era utilizado para conseguir amigos (KUPER, 2003).

A diplomacia futebolística da Alemanha nazista fez com que entre 1933 e 1942 a seleção nacional jogasse o dobro de jogos por ano em comparação com o período de Weimar. Em uma clara tentativa de estabelecer uma fonte de *soft power*, a seleção alemã jogou 17 jogos em 1935. A intenção era fazer com que os povos vizinhos não desenvolvessem a visão de Hitler e do país como um inimigo em ascensão, e, ainda, buscar o desenvolvimento de um sentimento favorável à Alemanha. O episódio mais marcante dentro desse capítulo histórico é, sem dúvida, a partida entre Inglaterra e Alemanha em Berlim em 14 de maio de 1938. Os dois países tiveram dois jogos durante

¹⁶ *Iranian statesmen for years have mourned, 'We Iranians do not know how to cooperate'. But how do you teach people to cooperate, how do you teach them to 'play the game'? Obviously by playing games, and so we introduced fooball, [...] and naturally the boys took them just as boys would do everywhere in the world.*

a década de 1930, o primeiro ocorrera em 1935, com 60 mil espectadores que acompanharam um jogo morno vencido pela Inglaterra por 3x0. O jogo, no entanto, não refletia a atmosfera política que envolvia o encontro. No que se refere à atmosfera política interna na Inglaterra, é importante salientar que o momento era de instabilidade e incerteza sobre ações relacionadas ao nazifascismo. Os britânicos buscavam maneiras de conter e combater o fascismo sem provocar reações adversas em âmbito nacional, devido ao apoio que a ideologia tinha em alguns círculos influentes (STODDART, 2006). Considera-se que, devido ao modelo de gestão esportiva difundido na Inglaterra, houve descaso e equívoco por parte das autoridades na percepção do que realmente representava a partida:

Como, devido ao recrutamento, o modelo e meio esportivo amador, das escolas públicas e universidades, em detrimento ao modelo profissionalizado de esporte e esportistas, como classe de trabalho, prevaleceu no governo e serviço público, muito do simbolismo e real poder do jogo entre Inglaterra e Alemanha de dezembro de 1935 passou despercebido pelas autoridades, não sem ter consequências políticas. Uma presunção fundamental era adotada naquele nível de tomada de decisão: a gestão nazista de práticas esportivas era similar à britânica em relação à posição social, no entanto, de fato, era mais próxima à visão profissionalizada. Ou seja, a visão que prevalecia era de que o esporte nazista encontrava-se fora do *mainstream* da organização social, quando, em realidade, o esporte era grande influência na construção e aceitação do poder nazista. Como resultado, as autoridades britânicas e alemãs colocaram ênfases diferentes na importância do jogo marcado para o dia 4 de dezembro de 1935 (STODDART, 2006, p. 32-34)¹⁷

O que pode ser observado é que a Alemanha percebeu a importância e o impacto que o esporte poderia ter antes da Inglaterra, que se mostrou ingênua ao tentar, através da partida, entrar no circuito internacional de competições, após mais de 30 anos de ausência em torneios e amistosos internacionais. A mudança na gestão da Associação de

¹⁷ *As the amateur, public school and university ethos of sport rather than the Professional working-class one prevailed in government and civil service because of recruitment practices, much of the symbolic and actual power in the England-Germany clash of December 1935 was overlooked by the authorities, and not without political consequence. A fundamental assumption was adopted at that level of decision making: that Nazi ruling-class sports practice was like British amateur sport in social position, when, in fact, it was much closer to that of a professional view. That is, the prevailing view had it that Nazi sport stood outside the mainstream of social organization when, in reality, it was a major influence in the building and acceptance of Nazi power. As a result, the British and German political authorities placed quite different emphases on the importance of the match arranged for 4 December 1935.*

Futebol inglesa é tida como motivo para a desconexão com as implicações que tal jogo poderia ter. Sir Frederick Wall, antigo presidente, tinha conexões governamentais e perceberia o amplo significado do embate. Enquanto, na Inglaterra, o esporte se desvinculava do governo, na Alemanha as organizações esportivas foram dissolvidas por serem consideradas marxistas e subversivas. Esportes eram ligados à juventude hitlerista, milícias e programas militares imbuídos politicamente de maneira estratégica. Ribbentrop considerava interações esportivas como sendo de grande valia, pois possibilitavam contato com políticos e pessoas preeminentes; no jogo estratégico que envolvia o futebol, a Alemanha saía ganhando.

Durante a década de 1930 o regime nazista investiu pesadamente em um programa de intercâmbio cultural que envolvia ampla programação, visando a alcançar diversas camadas nos países-alvo. Engendrando uma campanha de incremento de seu prestígio, a Alemanha trabalhava, conseqüentemente, seu *soft power*. Apesar da resistência britânica em perceber as intenções nazistas, as preocupações políticas do regime em relação à agenda política eram latentes, e essa resistência facilitou o trabalho de promoção da Alemanha. Em diversos momentos, críticos musicais alemães estiveram na Inglaterra, equipes esportivas universitárias alemãs de hóquei e boxe faziam turnês pelo país e, na Alemanha, equipes inglesas de remo e judô viajavam em diversas competições. Em 1935, Malcolm Sargent regia a Filarmônica de Berlim, e, no final do ano a Orquestra viajava pela Inglaterra executando obras de Wagner. Os bretões estavam cobertos desde as classes altas, que apreciavam música clássica, até as classes trabalhadoras, praticantes do futebol. Percebe-se, nesse momento, a estratégia de aumentar a simpatia pela Alemanha, tentando aquecer relações políticas.

No centro dessas ações estavam os amistosos da seleção alemã. É surpreendente que os cartolas ingleses não tenham percebido o conteúdo político da partida, quando,

em 1933, na ocasião de um jogo em Roma contra a seleção italiana, o governador de Malta escreveu ao *Foreign Office* britânico solicitando que o melhor time fosse escalado, pois o regime italiano não falharia em promover a superioridade absoluta de seu país de acordo com o resultado da partida (STODDART, 2006). Havia outros sinais mais explícitos do apoio governamental na empreitada futebolística. A presença de cerca de 10 mil alemães na torcida pela seleção na partida fora de casa merece análise mais cuidadosa: a situação alemã de severos controles fiscais e financeiros era fator que limitava qualquer empreitada particular de viagem ao exterior, dada a dificuldade de se obter moedas estrangeiras. Da mesma forma que, atualmente, no Brasil, as torcidas viajam com algum apoio de diretorias, geralmente custeio de ônibus e passagens, apenas com apoio superior do governo nazista, nesse caso, seria possível obter os fundos necessários para a viagem. Além disso, importa verificar a composição da torcida, em sua grande maioria formada por membros de organizações nazistas. Uma das únicas preocupações britânicas era relacionada a manifestações nazistas, havendo garantias da Embaixada alemã de que não haveria tais demonstrações e de que não seriam exibidas suásticas (KUPER, 2003).

A sociedade britânica encontrava-se sem defesa, sendo difícil para a população geral, desvinculada a sindicatos, partidos e associações, perceber o conteúdo político da partida. Eis o trunfo do futebol: por ser imperceptível para o apreciador comum, a agenda política contida nas partidas era alimentada ao público sem que este notasse que estava sendo exposto ao *soft power* nazista¹⁸. Quando a delegação alemã chegou em Londres estava acompanhada de altos oficiais, e diversos discursos salientaram o caráter apolítico do jogo. Quando a torcida alemã chegou, com forte aparato de segurança, pequenas manifestações ocorreram, mas a partida ocorreu sem grandes problemas, com

¹⁸ Em um paralelo com a atualidade, é como o espectador comum que assiste um filme de Michael Bay, sendo exposto, inadvertidamente, a diversas cenas sugestivas com a bandeira norte-americana de fundo.

ambas torcidas dispersando-se pacificamente ao término. Os alemães haviam conseguido, de acordo com seus jornais, “uma vitória política, psicológica e esportiva irrestrita” (STODDART, 2006). Seria prudente aprovisionar a atmosfera que envolveu o jogo em 1935, no entanto, em 1938 o futebol inglês cometeria um erro maior, quando no dia 14 de maio, no Estádio Olímpico de Berlim, a seleção inglesa fez a saudação nazista.

Muito foi especulado sobre a saudação feita em Berlim, no entanto, é clara que a interpretação política das consequências de tal ação foi feita de maneira errada. A percepção de que uma hostilidade no campo poderia ser a faísca para o conflito iminente era tida como consensual entre os cartolas e jogadores ingleses e refletia a política morna de Neville Chamberlain para Hitler. Se num primeiro momento a Inglaterra era sujeito de uma política de promoção nacional pelo futebol, em 1939, a Inglaterra era omissa. A foto da seleção fazendo a saudação nazista ilustrava jornais do mundo inteiro, em uma ação que era propagandeada como apoio ao regime na véspera da anexação dos sudetos. Como exposto anteriormente, não apenas com a Inglaterra a agenda esportiva era explorada como ferramenta de promoção do regime nazista.

Outros exemplos interessantes da utilização do futebol como ferramenta de prestígio podem ser verificados, como o jogo que ficou conhecido como *Anschluss match*. A partida entre Alemanha e Áustria contou com 60 mil espectadores em Viena, no dia 3 de abril de 1938, uma semana antes de 99,75% da população votar à favor da *Anschluss* (SHIRER, 1960). Não necessariamente podemos dizer que a partida teve influência absoluta sobre o pleito; contudo, em um paralelo temporal, países como o Brasil fazem similar utilização de suas seleções, como verificou-se no Haiti, em 2004. O futebol, nesses casos, tem espaço dentro de uma agenda positiva de intercâmbio cultural, ao contrário de esforços diretos de propaganda, que podem ter custos à imagem

do país e diminuir seu *soft power* no curto prazo (NYE, 2004). Buscando utilizar o futebol como meio de integrar a população austríaca e a população alemã, na véspera da Copa do Mundo de 1938, pôsteres foram lançados anunciando que “60 milhões de alemães jogarão em Paris”. Dentro da política de integração era definido que o time alemão seria composto sempre de 5 ou 6 jogadores austríacos e 5 ou 6 alemães (KUPER, 2003). O fracasso alemão no torneio, e a recepção fortemente contrária da torcida francesa mostravam que a Alemanha havia esgotado o recurso do futebol como ferramenta de promoção nacional.

No mesmo torneio, o Brasil ensaiava utilizar o futebol como meio de fomentar a identidade nacional. Dentro do contexto getulista de criar um sentimento brasileiro, o governo percebia o papel que a seleção brasileira poderia ter. Dessa forma, pela primeira vez a seleção contou com verba governamental para treinamento, além de ser acomodada em um navio próprio para transporte¹⁹. Atletas como Leônidas da Silva foram recebidos como heróis nacionais, tendo a seleção voltado pela primeira vez de uma Copa do Mundo em que havia passado da primeira fase. A euforia causada fazia com que o investimento governamental fosse acertado (SARMENTO, 2010). Gilberto Freire, que na época era cronista do Diário Pernambucano, descreve a identidade brasileira que extraiu do futebol jogado no torneio:

Nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tcheco-eslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de estandardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No futebol, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio, que lembra passos de dança. (...) Dança dionisíaca. Dança que permita o improvisado, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de

¹⁹ Para a Copa de 1934 a seleção brasileira carente de recursos havia feito a viagem à Europa em navio cargueiro.

esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo – o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa se destaca e brilha (FREIRE apud SARMENTO 2010, p. 60).

No que tange à utilização sistêmica do futebol como ferramenta de promoção nacional e, conseqüentemente, geração de *soft power*, devemos reconhecer o pioneirismo alemão. Na conjuntura atual talvez fosse mais difícil para um país em evidência como a Alemanha nazista trabalhar uma política de promoção sem ser denunciada amplamente em redes sociais ou na mídia. No entanto, ocorre uma progressão histórica que nos traz até a atualidade, onde as agendas futebolísticas e as políticas que envolvem a definição dos hospedeiros de uma Copa do Mundo tem aspectos comerciais maiores e implicações políticas diretas, não sugeridas como a política nazista na década de 1930.

Desde a primeira transmissão televisiva de uma Copa do Mundo, em 1954, para oito países, até os bilhões de espectadores de hoje em dia, o futebol progrediu e ultrapassou eventos como os Jogos Olímpicos. Jogos entre países antagonistas, cooperação internacional para a realização de eventos, bilhões investidos, profundos laços governamentais e uma gama de praticantes sem paralelo por outro esporte: o futebol está entre nós, e não irá embora. Se as ações e ganhos políticos relacionados com o futebol na década de 1930 tiveram menor atenção, apesar de seu sucesso, do que as Olimpíadas em Berlim, ainda que elas tivessem a mesma carga política por parte da administração nazista, é importante verificar que o perfil dos eventos esportivos era diferente, conforme exposto anteriormente. No entanto, como o futebol chegou onde está?

Primeiramente, é importante que se perceba a clara mudança que ocorre em termos de atenção recebida pelos grandes eventos esportivos internacionais no período que se sucede à Segunda Guerra Mundial. Os Jogos Olímpicos, apesar de sua grande

gama de esportes, não são compostos apenas por atividades de fácil identificação com o público como um todo. Para um menino de 10 anos em Gaza é muito mais fácil estar preso e vidrado em uma partida das oitavas de final da Copa do Mundo de Futebol do que na final da competição de hipismo, ou até mesmo de atletismo. O fato é que o futebol é imbatível em termos de popularidade. As pistas atléticas e complexos poliesportivos não fazem parte do cotidiano de crianças muçulmanas em Mumbai, já o futebol faz parte do cotidiano das crianças abastadas em Bishops Avenue em Londres.

Na primeira metade do século XX, as Olimpíadas eram incontestavelmente superiores em termos de popularidade. Contudo, ao passo que os esportes e a disciplina de educação física passaram a ser cada vez mais popularizados e difundidos entre as colônias britânicas e como algo que remetia à sociedade moderna em países que consolidavam suas estruturas sociais e de ensino, nenhum esporte, salvo exceções de forte apelo local, mobilizava os jovens como o futebol (CHEHABI, 2006). Esse movimento de popularização dos esportes fora da Europa e, também dentro do continente, o aumento de praticantes em todas as camadas sociais, faz com que o futebol crescesse em importância social, política e comercial. Na segunda metade do século XX, grande parte da população do mundo ocidental passou a viver em condições de maior interação social com o crescimento de centros urbanos (JUDT, 2005).

Com o advento da Guerra-Fria novas tensões surgem no campo dos esportes. Desde boicotes aos Jogos Olímpicos até partidas que repetiam grandes batalhas na Europa, novamente era percebido o valor que o esporte poderia ter como ferramenta de incremento de *soft power*, em termos de promoção nacional e de valores políticos. As nações do leste europeu, na medida em que o sistema soviético era instalado também nos esportes, tinham o futebol intimamente ligado às instituições de governo. São os inúmeros times com “Dinamo” no nome – Dinamo Bucareste, Dinamo de Kiev, de

Dresden – todos diretamente ligados às polícias secretas locais, que rebatizavam os times que manteriam sob seu controle ou que sustentavam financeiramente (FOER, 2004). Nessa configuração, o futebol era percebido como uma ferramenta de controle e de acesso à informação. Em poucos lugares tantas pessoas interagem quanto em um estádio. A agregação facilita a identificação de indivíduos dissidentes e o contato com agentes diversos. Contudo, não apenas o Estado utilizou-se do futebol.

Chehabi (2006, p. 233) lembra que “[o campo de futebol] se torna uma metáfora para a competição entre comunidades, cidades e nações: futebol foca as identidades dos grupos.²⁰” Por isso, futebol é, frequentemente, uma válvula de escape para nacionalismos e regionalismos. Um caso bastante simbólico é o do futebol espanhol durante o regime de Franco: para combater a proibição de regionalidades, em que houve abolição do dialeto catalão e do idioma basco, criou-se o time Barcelona FC para rivalizar com o time apoiado por Franco, o *Real Madrid*; quando os dois times se enfrentavam, a torcida catalã, apoiada por todas as outras pessoas que passavam pela mesma repressão, gritava improperios ao regime vigente e a seu comandante – o estádio era o único lugar seguro para tal liberdade de expressão – (JUDT, 2005). Por sua vez, a projeção do Barcelona no cenário internacional fez com que a causa da Catalunha se tornasse algo conhecido. A cada vitória obtida, internacional e nacional, a imagem dos torcedores acenando bandeiras com as cores de seu time e de sua província era um ataque direto e brando a Franco e seu regime. Uma mensagem clara à comunidade internacional declarando a opressão franquista e a força do povo através da bola.

Inegavelmente, o clube Barcelona é mais famoso mundialmente que a província catalã que o abriga, e cuja capital lhe dá nome. De toda sorte, é necessário analisar como um clube futebolístico se tornou, como seu próprio *slogan* diz “mais que um

20 [...] becomes a metaphor for the competition between communities, cities and nations: football focuses group identities.

clube”²¹. Mesmo um bom tempo após o fim da ditadura de Franco na Espanha o clube ainda simboliza para os espanhóis o orgulho das províncias e as memórias de resistência. O que verificamos, no primeiro momento, é a tendência popular de projetar no futebol as suas necessidades e vontades. Em Barcelona nos anos de Franco, em Kiev e Amsterdam ocupadas pelos nazistas, de tempos em tempos a população se vale das liberdades conferidas por uma das atividades mais difundidas e de complicado controle pelas autoridades, o futebol. Não deve ser feita referência apenas à prática, mas também a atmosfera que envolve o convívio nos estádios, viagens e integrações diversas entre torcidas.

Enquanto regimes autoritários dispõem de mecanismos de opressão sistêmicos que podem constrianger as liberdades de um modo geral, pouco conseguiu ser feito para constrianger as liberdades dentro dos estádios de futebol. Fechar as portas de estádios pode ter consequências de forte desagrado popular, e tentar direcionar torcidas e clubes pode gerar revolta ou reversão da opinião pública. Na Espanha não foi diferente, e o espaço mais seguro para manifestações populares era a coletividade do estádio, e a projeção de todas as angústias populares era o time preferido de Franco, o *Real Madrid*:

Por que, perguntei eu à uma mulher catalã entediada pelo futebol, você se importa com o Barça derrotando o Real Madrid? Ela respondeu: “Franco destruiu nossa autonomia e proibiu nosso idioma, e ele torcia para o *Real Madrid*.” Dizem que *El Caudillo* conseguia recitar escalões do *Real* de décadas, e quando o *Real* visitava Barcelona durante os anos de Franco as bandeiras catalãs banidas eram sempre vistas no Nou Camp (sic). Os torcedores do Barça voltavam para suas casas tão exaustos quanto os jogadores após esses jogos. “Você não podia gritar ‘Franco assassino!’ nas ruas” explicou-me Flaquer, “então as pessoas gritavam com os jogadores do *Real Madrid*. É um fenômeno psicológico: se você não pode gritar com seu pai, você grita com outra pessoa.” Apenas no Nou Camp (sic) a Catalunha ainda existia, e o único símbolo catalão que Franco nunca ousou tocar foi o Barça (KUPER, 2006, p. 103-1044).²²

²¹ “Més que un club” do original catalão

²² “Why, I asked a Catalan woman bored by soccer, do you care about Barça beating Real Madrid? She replied: “Franco destroyed our autonomy and forbade our language, and he supported Real Madrid.” It was said that El Caudillo could recite Real lineups going back decades, and when Real visited Barcelona during his reign there were always banned Catalan flags in the Nou Camp. Barça’s fans went home from this matches as exhausted as the players. “You couldn’t shout ‘Franco, you murderer!’ on the streets,” explained Flaquer, “so people shouted at Real Madrid players instead.”

A identidade do Barcelona, e a ideologia que ele absorve, são provenientes de sua fundação e da estrutura cosmopolita do clube. A província catalã teve sua história desenhada pelo embate com o governo central espanhol em Madri. A pujante província industrial discordava não apenas em termos culturais, mas enfaticamente das políticas de fomento e proteção à agricultura promovidas pela administração central (VILLAR, 2000). Em 1923, o general Miguel Primo de Rivera assumia o governo na Espanha e, na Catalunha, com medidas austeras de imposição da centralização, eram banidas a língua e a bandeira catalã. O Barcelona também era atentamente vigiado, bastando um incidente em 1925 para que o estádio fosse fechado por seis meses e o clube multado. Mais graves foram as ameaças feitas à Joan Gamper, suíço fundador do clube, que acabou tendo que fugir do país. A própria história de Gamper nos auxilia na compreensão de como o Barcelona absorveu a agenda da província: nascido Hans Gamper, ele mudou o seu nome para a grafia catalã, acreditando no espírito acolhedor da metrópole cosmopolita, e fundou o clube cujo escudo continha as cores da Catalunha e a cruz S. Jordi, padrinho da província (FOER, 2004). Aqui também inicia a história da rivalidade interna entre o Barcelona e o *Espanyol*. O outro clube catalão foi fundado com o nome referente à Espanha para contrapor a natureza internacional do Barcelona. Até a atualidade a torcida do *Espanyol*, as Brigadas Alvi-Celestes²³, é conhecida pela sua identificação com a extrema direita política, sendo, durante os anos 1920 e 1930, forte apoiadora do fascismo.

Se em 1900 as tensões eram perceptíveis entre os fundadores, elas só aumentam no decorrer desse século, atingindo seu pico na Espanha durante a administração de

It's a psychological phenomenon: if you can't shout at your father, you shout at someone else." Only at the Nou Camp did Catalonia still exist, and the only Catalan symbol Franco never dared touch was Barça."

²³ *Las Brigadas Blanco y Azules*, ou *Blanquiblaus*, do original catalão.

Franco. O corpo de servidores públicos, policiais e militares enviados para administrar a Catalunha acabavam torcendo para o *Espanyol*, que por sua vez desenvolvia laços institucionais com o *Real Madrid*, sempre convidado para os torneios de verão no Estádio do Sarriá (FOER, 2004). Durante a década de 1980, quando a cultura das torcidas organizadas europeias, conhecidas como ultras no continente, estava em expansão os Ultras Sur do Real Madrid e os brigadistas do Espanyol, de orientação neonazista e fascista, entravam em choque direto com os Boixos Nois do Barcelona e com o Frente Atlético do Atlético de Madrid, de orientação de esquerda e comunista. No entanto, no que se refere às torcidas, observa-se no futebol o reflexo de um fenômeno social mais amplo, relacionado à difusão da cultura *hooligan*, que na Espanha ocorre após a Copa do Mundo de 1982, o crescimento da politização das torcidas e a erupção da subcultura *skinhead* (SPAIIJ, 2005). Em uma análise cultural mais ampla, a década de 1980 é uma década de contestação cultural por parte da juventude europeia. A ascensão do movimento *punk*, representado na Espanha por bandas do País Basco como *Eskorbuto*, e movimentos amplos como a *Movida Madrileña* relacionados com a contracultura na transição para uma Espanha pós-franquista, criaram no país uma atmosfera conturbada. Ao analisarmos a região catalã, em ebulição e sempre com forte presença de imigrantes, as tensões eram sentidas no ar. Os nacionalistas da direita projetavam no Barcelona seu descontento com a Espanha mais aberta que se anunciava com a queda do regime autoritário, por sua vez, a juventude identificada com clubes como o Barcelona, Atlético de Madrid e *Athletic Bilbao* pendiam para ideologias de esquerda, sendo denominados *antifa*, abreviação genérica para antifascistas, entrando em choque com torcidas de direita do *Real Madrid*, *Espanyol* e *Real Zaragoza*. No entanto, seguindo a onda de mudanças na década de 1980, a torcida do Barcelona oscila do socialismo para o fascismo separatista (SPAIIJ, 2005). Essa dicotomia era percebida

também outros países, como na Itália, onde a torcida da Lazio, os Irredutíveis²⁴, entra em choque direto, também ideologicamente, com a torcida do Livorno, os Ultras Fossa (FOER, 2004). Mas resta saber por que o futebol serve para que tais ideologias sejam projetadas, e por que jovens se desagregam do que é considerado ordeiro e aceitável no ambiente do estádio. Llopis-Goig, em seu trabalho sobre racismo nos estádios de 2009 adapta a definição de comportamento coletivo para as massas nos estádios:

O comportamento dos torcedores em estádios de futebol cria um fenômeno coletivo que tem recebido atenção desde o início do século XX. A sensação de dissolução da identidade pessoal do indivíduo – em termos de controle moral – e a criação de uma inércia emocional de natureza coletiva produzem a sensação de um acordo tácito que reduz a atividade dos mecanismos inibitórios, e age como um instrumento para legitimar comportamentos racistas e xenofóbicos que, provavelmente, nunca seriam exibidos em níveis individuais. Logo, há uma diminuição do autocontrole moral dos torcedores, acompanhado de um contágio emocional que, às vezes, pode levar a comportamentos violentos ou racistas (GOIG, 2009, p. 35-36).²⁵

Assim, verificamos no caso do Barcelona e na dinâmica das torcidas a amostragem dos turbilhões políticos que ocorrem na Espanha em alguns de seus momentos mais críticos na história recente: o fortalecimento do regime autoritário de direita, e o cenário de transição pós-Franco. Os aspectos culturais que compõem a agenda política e a propagação de ideais e poder das correntes ativas têm, em menor escala, similaridade com a dimensão que o futebol toma quando é utilizado pelos Estados. Contudo, nessa situação, ele é adotado, como parte de eventos maiores. Sendo o esporte uma das esferas de interação na sociedade moderna, ele não tem menor valor que outros aspectos culturais para verificação de mudanças sociopolíticas. Estudos que avaliam a história social através da música e moda, por exemplo, sofrem distorções que

²⁴ *Irriducibili*, do original em italiano.

²⁵ *The behaviour of the fans in football stadiums comprises a collective phenomenon that has received attention since the beginning of the 20th century. The feeling of dissolution of one's personal identity – in terms of moral control – and the creation of an emotional inertia of a collective nature produce a sensation of tacit agreement that reduces the activity of the inhibitory mechanisms and acts as a framework for legitimizing racist and xenophobic behaviours that would probably never be exhibited on an individual level. Thus, there is a lessening of the moral self-control of the fans, accompanied by an emotional contagion that, at times, can lead to violent or racist behaviours.*

o futebol não apresenta, por não ser confeccionado como produto da mesma maneira que a música e a moda são confeccionadas no século XX, principalmente no pós Segunda Guerra. Clubes como o *Athletic Bilbao* e o *Barcelona* mantêm sua essência ao longo da história, abrigando movimentos nas suas arquibancadas que não são oriundos de sua criação, mas que compactuam com os ideais relacionados com a mentalidade e identidade dos clubes. As mudanças no ambiente nacional, em sociedades politizadas, são sentidas nos locais onde ocorre mais interação entre os indivíduos e, na atualidade, um dos locais onde mais indivíduos interagem com alguma frequência é o estádio de futebol, ainda mais em tempos em que as redes sociais e a *internet* substituem a interação de corpo presente. Assim como a peregrinação de muçulmanos à Meca permitiu que muitas informações que influenciaram a primavera árabe fossem passadas sem controle e moderação, o estádio permite essa liberdade aos frequentadores. A *internet* possui um papel chave na articulação dos novos movimentos políticos, mas é de fácil monitoramento e não tem acesso amplo às camadas sociais e faixas etárias da mesma forma que o futebol. Conforme define Spaaij:

[O] Futebol é uma das esferas sociais em que a interação dinâmica das esferas locais e globais pode ser observada *par excellence*. As culturas de torcida de clubes particulares compartilham entre si elementos ritualísticos, mas, ao mesmo tempo, cada cultura exibe formas distintas de rituais formais prescritos e de simbolismo (SPAAIJ, 2008, p. 3).²⁶

Assim sendo, na medida em que determinado movimento circula pelas arquibancadas, indivíduos relacionam o movimento com sua identidade clubística e local e acabam por ter mais facilidade e aceitação. Um dos fatos que conferem fundamento a essa afirmação é a percepção de que uma agenda cultural de música clássica não seria suficiente para a Alemanha nazista atingir a Inglaterra com seu

²⁶ *Football is one of the social spheres in which the dynamic intertwinement of the local and the global can be observed par excellence. The fan cultures of particular clubs share ritual elements, but at the same time each fan culture exhibits distinct forms of prescribed formal ritual behaviour and symbolism.*

bombardeio cultural na década de 1930. Verificamos como o futebol pode absorver identidades políticas e reagir. Passaremos agora a verificar como essa propriedade pode influenciar eventos em uma escala maior, lidando com nacionalismo e religiosidade.

Novamente seguindo a análise de Chehabi (2006, p. 233) “[o campo de futebol] se torna uma metáfora para a competição entre comunidades, cidades e nações: futebol foca as identidades dos grupos.”²⁷ O futebol serve como substituto para conflitos e terreno para rivalidades acirradas, em vez de pegar em armas, o povo torce, vibra e se emociona com os jogos de sua seleção nacional. Casos marcantes são os de Brasil e Argentina; Alemanha e Inglaterra; e Holanda e Alemanha, sendo este último notório por sua seriedade principalmente entre os anos 1974 e 1988, em que ressentimentos holandeses da Segunda Guerra Mundial vieram à tona (FOER, 2004; WIJCKMANS, 2007). Como anteriormente exposto, o futebol pode servir de estopim para guerras, como a famosa Guerra do Futebol de 1969, entre Honduras e El Salvador, em que derrotas no campo levaram a ações do governo hondurenho contra expatriados do outro país em seu território e posteriormente à invasão de Honduras por El Salvador para vingar as ações anteriores (KAPUSCINSKI, 1990; BONIFACE, 2002, p. 7-8). Além dessa guerra, Boniface (2002, p. 8) relata o caso similar entre Croácia e Sérvia em 1990, quando ainda existia a Iugoslávia, em dois momentos: no primeiro, os times Dínamo de Zagreb e Estrela Vermelha de Belgrado tiveram uma partida em que mais de sessenta pessoas foram seriamente feridas; e no segundo, quando os times *Hadjuk* de Split e o *Partizan* de Belgrado jogaram em Split, cidade da atual Croácia, e um torcedor invadiu o campo e queimou a bandeira iugoslava. O primeiro evento mostrou que sérvios e croatas não poderiam mais estar em um mesmo estádio, e o segundo mostrou que o

²⁷ [...] becomes a metaphor for the competition between communities, cities and nations: football focuses group identities.

governo da Iugoslávia tinha perdido sua autoridade em vários de seus territórios (KEBO *apud* BONIFACE, 2002, p. 8).

Nos Balcãs os sentimentos nacionalistas estavam latentes na década de 1990, e, não podendo estar em separado, tais sentimentos transbordavam para o campo de futebol. O acentuado declínio iugoslavo deixava um vazio que era preenchido pelo sentimento sérvio, croata e esloveno, nos estádios, times como o Estrela Vermelha de Belgrado e *Dínamo Zagreb* incorporavam os sentimentos nacionais de nações que não tinham seleções. E, eficientemente, governantes capitalizaram as oportunidades que surgiam do envolvimento de paixões perigosas que são as nações e o futebol, quando consideramos a volatilidade das massas, notadamente, Slobodan Milosevic provisionou torcedores do Estrela Vermelha nas suas divisões paramilitares:

Das torcidas do Estrela Vermelha, uma força paramilitar hooligan foi organizada e armada. Krle, que foi alvejado na perna, serviria nesse exército. Os torcedores do Estrela Vermelha virariam as tropas de choque de Milosevic, os agentes mais ativos de limpeza étnica, praticantes altamente eficientes do genocídio (FOER, 2004, p. 13).²⁸

É interessante analisar a estrutura social na Sérvia e Croácia no início da década de 1990. Se na Inglaterra, na ocasião do crescimento da cultura violenta associada ao futebol foi associada com o declínio da malha industrial britânica (e atividades relacionadas, como a mineração de carvão) e com o crescimento do desemprego nas cidades associado ao fluxo de imigrantes das antigas colônias, que constituíam mão de obra mais barata; nos balcãs, no fim dos anos 1980 e início dos anos 1990, a cultura da violência se associa com o declínio das capacidades soviéticas, que deixa um vácuo de poder e administrativo, além de dificuldades sociais internas e particulares que

²⁸ *From Red Star's own ranks, a hooligan paramilitary force was organized and armed. Krle, who took a bullet in his leg, would serve in this army. The Red Star fans would become Milosevic's shock troops, the most active agents of ethnic cleansing, highly efficient practitioners of genocide*

facilmente são externadas através do futebol. Hobsbawm (1994) expõe a situação nas repúblicas soviéticas na ocasião do declínio da U.R.S.S. da seguinte forma:

Era devido, essencialmente, à desintegração da autoridade central, que forçou cada região ou subunidade do país a cuidar de si própria, e, não menos importante, salvar o que fosse possível das ruínas de uma economia deslizando para o caos. Fome e desabastecimento estavam na carona de tudo que aconteceu nos últimos dois anos da União Soviética. Reformistas em desespero, principalmente na academia que se beneficiara da *glasnost*, foram empurrados para o extremismo apocalíptico: nada poderia ser feito até que o velho sistema e tudo relacionado à ele fosse destruído completamente. Em termos econômicos, o sistema precisa ser completamente pulverizado por completa privatização e a introdução imediata e a qualquer custo de um mercado 100 por cento livre (p. 492).²⁹

Na opinião acadêmica britânica as violências no futebol são como uma crise psicológica relacionada com o declínio de sociedades paternas calcadas em sólidos empregos industriais, que pode ser adaptada à situação social no declínio da União Soviética, conforme expõe Best:

Em muitos casos, minhas observações validam o argumento exposto por John Sugden de que muitos jovens que estão completamente integrados na economia e sociedade utilizam o contexto do futebol para adotar um estilo bruto de classe trabalhadora e exageram seu comportamento bruto como consequência de uma crise mais ampla de masculinidade (BEST, 2010, p. 573).³⁰

O argumento acima, relacionado aos estudos acadêmicos britânicos para a compreensão do fenômeno da violência nos estádios, pode ser adaptado para compreender como ocorre a geração de violência através do futebol. Contudo, como conseguem os estados capturar essa energia e transformá-la em um instrumento militar,

²⁹ *It was due essentially to the disintegration of central authority, which forced every region or sub-unit of the country to look after itself, and, not least, to save what it could from the ruins of an economy sliding into chaos. Hunger and shortage lie behind everything that happened in the last two years of the U.S.S.R. Despairing reformers, mainly from among the academics who had been such obvious beneficiaries of glasnost, were pushed into an apocalyptic extremism: nothing could be done until the old system and everything about it was destroyed utterly. In economic terms, the system must be completely pulverized by total privatization and the introduction of a 100 per cent free market immediately and at whatever cost.*

³⁰ *In many cases, my observations support the argument advanced by John Sugden that there are many young men who are fully incorporated into mainstream economy and society that use the context of football to adopt a rough working-class style and exaggerate their 'rough' behaviour as a consequence of a wider crisis of masculinity*

como o que ocorre na Sérvia e Croácia? Durante o período soviético, e, principalmente, durante o período sob o Marechal Tito, a Iugoslávia tinha pesadas proibições que mantinham a memória da Segunda Guerra escondida, junto com o fato de que os dois maiores constituintes do país haviam matado uns aos outros durante o conflito (HOBSBAWM, 1994). No início da década de 1990, com o revisionismo em alta, a projeção das hostilidades contidas se dava nos estádios e times através de cânticos nacionalistas que enalteciam massacres (FOER, 2004; BONIFACE, 2002). Quando as tensões eclodiram em Zagreb durante uma partida entre o Estrelha Vermelha e *Dínamo* Zagreb, apenas era necessário canalizar a fúria que invadiu o gramado e transformá-la em uma apta máquina de guerra.

Ao avaliarmos o porquê do Estrela Vermelha ser o foco e centro do nacionalismo sérvio, ao invés do *Partizan*, o segundo maior clube do país, verificamos que essa relação nasce no pós-guerra. No leste europeu, basicamente, havia três caminhos para um time seguir em termos de patrimônio: ele poderia ser patrocinado pelo exército, pela polícia (ou polícia secreta), ou pelos sindicatos e ministérios. Na Sérvia, o exército apoiava o *Partizan*, enquanto a polícia apoiava o Estrela Vermelha. Tendo em vista o passado relacionado às instituições, o reflexo era projetado nos times que eram apoiados, sendo, dessa forma, o Estrela Vermelha o instrumento para as aspirações nacionalistas:

Para os nacionalistas sérvios o exército representava os inimigos de sua causa. A ideologia do exército comunista rejeitava qualquer noção de uma identidade sérvia separada como anátema à solidariedade dos trabalhadores e harmonia étnica. Os guerrilheiros de Tito, que dão nome ao clube do exército, haviam assassinado, encarcerado e espancado os Chetniks, exército de nacionalistas sérvios (considerado por alguns como fascistas), que também combateram os nazistas. O exército havia suprimido a Igreja Ortodoxa na Sérvia. Com oponentes tão odiosos, o Estrela Vermelha se tornou um lar para os sérvios com aspirações de recuperar sua nação (FOER, 2004, p. 19).³¹

³¹ *To Serb nationalists the army represented the enemies of their cause. The ideology of the communist army rejected any notion of separate Serb identity as anathema to worker solidarity and ethnic harmony. Tito's partisans, the namesake of the army club, had murdered, jailed and beat the Chetniks, the army of Serb nationalists (some say fascists) who also battled the Nazis. It had*

Dessa forma, podemos verificar como o futebol absorve identidades diferentes de acordo com a identidade de clubes e populações, e, através dessa identidade, como ele pode ser manipulado. A Sérvia não contava com exército regular para lutar a guerra contra a Croácia, tampouco contava com mecanismos eficientes de recrutamento (HOBSBAWM, 1994), tendo em vista a necessidade de contar com esquadrões operacionais, o melhor lugar para encontrar grupos com algum nível de organização era a torcida do Estrela Vermelha. Os Tigres³² estiveram envolvidos na primeira ofensiva sérvia e tiveram papel decisivo em fazer com que a opinião pública internacional ficasse contra a Sérvia, devido à crueldade de suas táticas e atuação registradas em fotos e vídeos do massacre de Bijeljina que tiveram ampla circulação na época. Após as conturbadas guerras, foram torcedores uniformizados do Estrela Vermelha que invadiram os palácios para roubar documentos que incriminaram Slobodan Milosevic, mantendo “fidelidade” com os interesses da nação sérvia, ou sendo, novamente, um instrumento da história.

Não apenas a identidade nacional se confunde com clubes, mas, também crenças religiosas. Em Glasgow as tensões entre católicos e protestantes de séculos são verificadas no clássico embate entre *Celtic* e *Ranger*, apesar de seus jogadores não estarem identificados com tal causa. Apesar do arrefecimento das tensões que causavam o embate entre os sectos religiosos, dentro dos estádios, pela atmosfera e violência, ainda é latente o conflito. A realidade dentro do gramado é diferente, jogadores católicos de países como Argentina e Itália são titulares no *Rangers*, e no *Celtic* muitos protestantes já jogaram. Mesmo assim, as massas mantêm seus cantos que evocam

suppressed the Serbian Orthodox Church. With such odious opponents, Red Star became a home for those Serbs with aspirations of reclaiming their nation.

³² Nome dado à divisão coordenada por Arkan (Zeljko Raznatovic), líder da torcida de Belgrado, composta por torcedores (Relatório da Comissão das Nações Unidas sobre limpeza étnica na Bósnia).

massacres e rixas religiosas históricas. É preciso dissociar aqui a extensão da crença em termos de instrumentalização do esporte, que, de fato não ocorre. No caso escocês, o futebol segue um fluxo que se estabelece na fundação dos clubes. O *Rangers* é fundado como um clube presbiteriano de rapazes; o *Celtic* tem origens católicas, em uma província que teve no embate religioso problemas sociais sérios, principalmente para católicos, o futebol serve como mais uma arena para a expressão popular. É importante, de toda sorte, relatar que o futebol permite, dentro do estádio e dentro dos grupos, que as expressões mais viscerais e mais carregadas sejam veiculadas. Conforme a análise de Best (2010), o futebol tem permissividades que nenhuma outra arena tem, logo, em décadas de turbulência, as populações se agarram às peculiaridades locais para poder substituir outras frustrações ou vontades. Assim sendo, o caso do sectarismo religioso no futebol é mais similar ao caso do Barcelona, em termos do futebol incorporar questões externas, mas tem similaridades com as paixões nacionais, em outra forma de substituição do alvo do sentimento pelo futebol.

Em termos políticos, é interessante verificar como o futebol serviu às ditaduras na América Latina. Para tal fim, é interessante o foco na Argentina e no Brasil, focando no caso da Copa do Mundo de 1978, e o caso do Brasil, ambos utilizando a seleção como uma espécie de bonapartismo. Em termos de política latino-americana é possível verificar que o futebol é mais abertamente utilizado, durante as ditaduras latino-americanas, as seleções emulavam o país em qualquer arena. Se a “pátria de chuteiras” funciona, modelos econômicos e regimes serão validados. É interessante que se perceba a definição de bonapartismo que é adaptada à realidade menor do futebol: de maneira clássica, uma ação bonapartista visa, através de ações ou da atuação internacional legitimar o governo internamente. No Brasil, o exemplo mais notório de ações consideradas bonapartistas foi a atuação junto à Liga das Nações (GARCIA, 2000).

A questão da Copa na Argentina é interessante se for feita comparação com o caráter promocional com que o evento é visto, cabendo lembrar que a FIFA decide que o país-sede seria o vizinho portenho no início da década de 1970, antes do golpe militar argentino de 1976. Para os generais, era uma oportunidade para mostrar o país para os inúmeros jornalistas que estariam cobrindo o evento, milhares de turistas e milhões de espectadores. Não seria esse o primeiro regime a utilizar o evento desta maneira, pois é possível lembrar-se da Copa do Mundo na Itália em 1934 e das Olimpíadas em Berlim, em 1936. Regimes autoritários geralmente não conseguem espaço favorável na mídia imparcial internacional, assim como ocorreu com a Alemanha na década de 1930, o esporte pode ser para tais regimes a agenda positiva para posicionamento do país na comunidade internacional. A Copa do Mundo em casa seria, ao mesmo tempo, uma oportunidade para unificar a nação, que, no caso da vitória, na mentalidade dos generais, não contestaria os milhares de mortos. Ou seja, a Copa seria para a Argentina uma oportunidade para legitimação internacional e nacional do regime contestado nas duas arenas.

Pensando em termos de diplomacia pública e poder, não podemos nos iludir pensando que o esporte gera poder para regimes, no entanto, o esporte gera prestígio (ALLISON e MONNINGTON, 2002). Pensando agora nos dois países sul-americanos e em seus regimes autoritários, de que maneira esse prestígio poderia, efetivamente alterar qualquer coisa no cenário interno? Mais ainda, no cenário externo que diferença faria o Brasil ser tricampeão em 1970? Se voltarmos à década de 1930 e pensarmos na seleção alemã jogando contra a Inglaterra se verifica uma agenda política ambiciosa, mas limitada à busca de boa-vontade para com o regime, e de consumir tempo para que o país pudesse se armar novamente. Durante a Guerra Fria a União Soviética investiu pesadamente em seus esportistas para ser uma superpotência também nesse campo,

assim como o fizeram países que passaram a destinar parte da renda arrecadada com loterias, guardadas as escalas e proporções, para programas de excelência esportiva. Podemos, ainda, pensar na diplomacia do pingue-pongue, durante o governo de Nixon, que envolvia o esporte em que os Estados Unidos menos tivessem chance de ganhar. O prestígio se relaciona, em termos gerais no mundo pós-guerra, à vitória.

Pensando nos países como agentes no sistema internacional, é sabido que o sucesso indiano no críquete não aumenta seu poder efetivo no sudeste asiático, mas pode ter efeitos diretos na auto-estima do país e de seus nacionais e no prestígio e imagem que eles têm em países que praticam o esporte. O sucesso esportivo no cenário internacional incrementa os mecanismos de geração de *soft power* de uma nação. Pensando agora no futebol e nos países em questão: o sucesso indiano no críquete não chega aos moradores da Chacarita em Buenos Aires, mas o sucesso de Messi, e de Maradona antes dele, com a camiseta da seleção, ou de seus respectivos clubes, chega à Índia com penetração maior e mais efetiva. Lembremo-nos de que o futebol e o críquete tiveram difusões semelhantes, ambos levados pela Inglaterra às colônias e portos, o futebol, porém, por motivos já expostos foi mais aceito e mais difundido. Através do “paradoxo do críquete” é possível atestar que o futebol é uma ferramenta eficiente de promoção nacional, podendo ser utilizados outros esportes em comparação.

De posse de uma ferramenta eficiente, Brasil e Argentina buscaram a legitimação de seus regimes através da promoção de seus países pelo futebol. Podemos dizer que os países incorrem em um erro crasso em termos de teoria Realista das Relações Internacionais, que é calcar seu prestígio apenas no *soft power* (NYE, 2004). No caso Argentino o custo foi mais alto, pois envolveu um evento da magnitude de uma Copa do Mundo, subornos e uma quantidade considerável de maquiagem institucional. O Brasil acaba tendo uma geração de *soft power* mais espontânea durante a década de

1960 e 1970, pois contava com Pelé, Garrincha, Coutinho e outros. A Argentina conta com Maradona apenas após a Copa em casa, mas, apesar do carisma do camisa 10, não consegue obter a mesma quantidade de prestígio pela seleção no cenário internacional.

Internamente, no entanto, a Argentina é religiosa com a sua seleção, logo, podemos pensar que o evento em 1978 seria a ferramenta para aumentar o prestígio internacional, e a vitória era necessária para o prestígio nacional. Dessa forma, não foram economizados recursos para que o evento ocorresse, com um custo estimado de 700 milhões de dólares. A Copa na Argentina custaria mais que qualquer copa anterior e três vezes mais que a Copa que ocorreria na Espanha em 1982, quatro anos depois. É necessário estimar o custo informal relacionado à corrupção, que chega à casa dos 400 milhões -em uma popular paráfrase, o *slogan* da copa “25 milhões de argentinos jogarão a Copa” tem a escrita “25 milhões de argentinos vão pagar pela copa” (KUPER, 2004).

Se o custo do prestígio internacional foi de mais de um bilhão de dólares, o prestígio nacional teria o custo adicional do suborno ao time peruano, que precisava perder de no mínimo quatro gols de diferença para que a Argentina pudesse chegar à final: 35 mil toneladas de grãos e 50 milhões de dólares em crédito liberados pelo Banco Central Argentino. A comparação com as Olimpíadas em 1936 são inevitáveis, contudo, se na Alemanha foram atenuadas as perseguições, a Argentina viu uma escalada do regime que prendeu ativistas políticos e eliminou residências populares. Construiu um muro que ficou conhecido como “muro da miséria”, na estrada para Rosário, que escondia as vilas na beira da estrada. Se em 1936 a Alemanha teve sucesso institucional no nível das relações políticas, a Argentina fracassa flagrantemente. Em tempos de maior comunicação e liberdade, jornalistas reportavam sumiços e execuções diariamente, expondo as feridas do regime opressor. Durante a Copa o governo anuncia que iria tomar medidas mais pesadas para reaver as Malvinas (HOBSBAWM, 1994),

claramente tentando capitalizar no sentimento patriótico trazido pela Copa do Mundo.

Internamente, o pensamento dos generais era claro:

A Junta tentou capitalizar a alegria. “O dia em que 25 milhões de argentinos tiverem o mesmo objetivo, Argentina será vencedora não uma vez, mas mil vezes mais,” o Ministro de Finanças, Dr. Martínez de Hoy, ex-aluno de Eton College, disse a um almoço de executivos de frigoríficos. O chefe de Estado, general Videla, teve o mesmo tom em um discurso televisionado. Parecia que o futebol era o novo ópio do povo: dê aos seus súditos uma Copa do Mundo e eles irão amá-lo (KUPER, 2006, p. 215).³³

O pensamento do governo era limitado e unidimensional, outro erro no que tange à diplomacia pública. Apesar da vitória Argentina na final contra a Holanda, a opinião pública internacional não havia incrementado seu prestígio pela Argentina, pelo contrário, a ditadura que pouco espaço tinha na mídia agora era presente no café da manhã europeu, ao lado das notícias da Copa do Mundo, se não na mesma pauta. Se a Argentina não aumentou seu *soft power* através do futebol, o Brasil certamente teve mais sucesso. O “pra frente Brasil” embalou a equipe de Pelé no México para, de vez, trazer a Jules Rimet³⁴ para o Brasil.

Da mesma forma, avaliaremos as esferas interna e externa que envolvem a campanha brasileira na Copa e a eficiência na geração de *soft power*. Internamente o Brasil já se encontrava sob um regime autoritário desde 1964, e já havia conquistado duas Copas antes do regime, fracassando em 1966 na Inglaterra em um torneio conturbado. As tensões políticas internas aumentavam com Médici assumindo o poder em 1969 com considerável aumento do aparelho repressor, evidenciado pelo teor e quantidade de atos institucionais decretados à época. Internacionalmente, o mundo caminhava para, em 1973, passar pelo primeiro choque de petróleo, e, no campo

³³ *The junta tried to capitalize on the joy. “The day that 25 million Argentiniains aim for the same goal, Argentina will be a winner not once, but a thousand times over,” the Finance Minister Dr. Martínez de Hoy, an Old Etonian, told a lunch for meatpacking executives. The head of state, General Videla, drew the same moral in a televised speech. It seemed that soccer was the new opium of the people: give your subjects a World Cup and they will love you.*

³⁴ Nome do troféu dado aos campeões da Copa até 1970, ano do tricampeonato. Era definido que o clube que conquistasse o torneio por três vezes ficaria de posse do troféu.

político, os Estados Unidos estavam fomentando a ascensão de governos autoritários na América Latina. O Brasil encontra-se em um momento específico de sua história em que aspira ser uma das potências médias no cenário internacional, apresentando pujança econômica e necessitando de projeção internacional.

Em 1970 a visão internacional do Brasil era do país do Carnaval e Futebol, o país de Pelé; a visão ufanista do regime militar visava promover um Brasil maior, forte e capaz. O Brasil de fato via crescimento, apesar de sua população sofrer disparidade de renda e outras mazelas. A carência do país era de promoção nacional estruturada, a Copa de 1970 era a oportunidade necessária, não apenas para promover o país no exterior, mas para validar o “Brasil pra frente” internamente. Avaliemos o país utilizando conceitos de poder: o Brasil estava em meio ao milagre econômico, aumentando seu poder econômico, que poderia vir a aumentar seu *hard power*, de acordo com a aplicação de seus recursos e planejamento geral. No cenário de aumento de poder efetivo, era necessário ao regime militar mecanismos de legitimação de seu poder internamente e externamente. Sabidamente, o *soft power* proporciona aos países mecanismos para convencer outros sem utilizar a coerção (NYE, 2004). Um país que está consolidando sua posição intermediária no cenário internacional necessita de tais ferramentas. O Brasil vê na Copa de 1970 a chance de promover a locomotiva nacional para o mundo, e promover o país vencedor para seu povo, buscando aumentar a auto-estima nacional.

Após o fracasso em 1966, é necessário tocar na história de um personagem diretamente relacionado com o futebol na época: João Saldanha. Gaúcho de Alegrete, Saldanha era um dos maiores críticos do futebol apresentado na Inglaterra, e não poupava palavras contra o Regime Militar, recebendo o apelido de “João Sem Medo”. Em meio às reviravoltas que envolviam o cargo de técnico da seleção nacional, João

Saldanha o assume em 1969. O desempenho como técnico foi impecável, as “feras de Saldanha” venceram 10 de 11 jogos oficiais disputados. No entanto, Saldanha, que era ligado ao Partido Comunista, não era apreciado por Médici. O incidente mais famoso nessa relação com o general foi a entrevista na véspera de um jogo contra a Argentina em Porto Alegre em que, questionado sobre a ausência de Dario na escalação, com a lembrança da aprovação do general (Dario era seu jogador predileto), Saldanha respondeu: “Não fui chamado a opinar sobre seu ministério, não aceito que opine sobre meu time.”

Era lógico que não seria interessante ao regime que o tricampeonato viesse com o auxílio de um contestador. Internamente, alguém como Saldanha poderia ter uma influência muito pesada se estivesse ligado a um campeonato mundial. Nas palavras de Saldanha:

Tínhamos que matar um leão por dia. No início de 1970, o clima esquentou dentro e fora da seleção. A pressão foi ficando insuportável. A cada dia, uma nova casca de banana. Por gente da própria CBD e por gente da ditadura. Era difícil tolerar um cara com longa trajetória no PCB ganhando alguma foça, bem debaixo da bochecha deles. (MILLIET, 2006, p. 263).

O Brasil conseguiu sagrar-se campeão no México e pode-se dizer que os ganhos para o governo foram positivos. A exposição conseguida pelo país foi positiva, ao contrário do que aconteceria com a Argentina alguns anos depois, e, internamente, o povo celebrou a vitória e seus craques, apesar de Médici. Não podemos dizer que o milagre econômico foi reflexo da vitória da seleção, mas é possível verificar que, com a vitória, o prestígio nacional cresce (ALLISON e MONNINGTON, 2002), facilitando o acesso e a aceitação do país, relacionando o prestígio com o *soft power*. A situação política interna não sofreria mudanças por algum tempo, o que não pode ser atribuído ao futebol, no entanto, considerando o desvio das atenções, o regime pode contar com uma população mais “calma” (KAPUSCINSKI, 1986).

Até então verificamos alguns exemplos históricos de como o futebol internalizou e externalizou fenômenos sociais, nacionais e internacionais. Avaliaremos agora situações atuais em que o futebol pode ser explorado como ferramenta de promoção nacional e ferramenta de identidade nacional, principalmente em estados que buscam consolidar sua imagem diante de uma nova configuração política.

CAPÍTULO 3

O Futebol Ainda Explica Muita Coisa: Possíveis Casos de Estudo no Contexto Social e Internacional Atual

Nos casos do Barcelona, Balcãs e Escócia é visto como o futebol flerta com as identidades culturais, nacionais e religiosas, podendo ser combustível na fogueira dos conflitos. Contudo, como seria possível canalizar positivamente essa vocação passional do futebol? Os exemplos utilizados estão inseridos em contextos sociais diferentes dos atuais, em termos de Relações Internacionais, política e economia. Qual o papel que o futebol ainda pode desempenhar em uma sociedade mais moderna e mais complexa? Curiosamente, segundo Simon Kuper, autor de livros como *Soccer Against The Enemy* e *Ajax: The Dutch, The War*, o futebol não explica mais nada. Em um artigo para a *Foreign Policy* em julho de 2010³⁵, o autor argumenta que a globalização e o apaziguamento das maiores tensões históricas, como Alemanha e Inglaterra, faz com que o festival geopolítico que costumava ser a Copa do Mundo tenha se perdido no desenvolvimento de um mundo globalizado.

Certamente não temos mais ditaduras aspirando dominação mundial e o hipernacionalismo das décadas de 1980 e 1990 parece ter morrido junto com Arkan no final do século passado. De toda sorte, o mundo está passando por um momento de reviravoltas políticas com movimentos globais, como o *#occupy*, e o fenômeno da primavera árabe. Obviamente, o futebol não terá como ser ator no cenário das ocupações propostas pelos ativistas do *#occupy*, no entanto, na conjuntura de consolidação de novos regimes e novas realidades no norte da África e Oriente Médio, e

³⁵ “Soccer Explains Nothing”, *Foreign Policy*, 21 de Julho de 2010.

no surgimento de novos países, como o Sudão do Sul, o futebol pode ter papel importante na sociedade. É importante que salientemos a ausência de um conceito de nação e nacionalismo que seja amplo o bastante para agradar todas correntes teóricas e todos os tipos de nação existentes. Devemos, ainda, atentar para o fato que a “nação” pode ser uma entidade de livre adesão, de certa forma, se pensarmos em um sentimento “nacionalista” (HOBSBAWM, 1990 p. 17). Tão amplo é esse conceito, lembrando-se das definições da geopolítica clássica, que seria possível denominar uma torcida de nação, pois as torcidas têm bandeiras, território (estádios) e contam com características linguísticas particulares.

É possível atestar para a importância do futebol na atualidade pensando no papel que ele pode ter na consolidação da nova realidade social dos países envolvidos na primavera árabe e na formação da identidade do Sudão do Sul. No caso do novo país africano, que teve sua independência no dia 9 de julho de 2011, a seleção pode ser ferramenta fundamental para criar o sentimento nacional e unir o povo. Essa percepção é reforçada pelo fato que, no dia 10 de julho de 2011, um dia após a independência a seleção do mais novo país jogou sua primeira partida contra o *Tusker F.C.* Quênia. Não apenas estava em campo a representação do país pela primeira vez, mas também foi a primeira vez que o hino nacional foi executado em um evento internacional. O papel que o esporte pode ter na união interna do país e para alcançar reconhecimento externo é percebido, e de certa forma a construção de uma nação se confunde com a construção de uma seleção nacional, um campeonato e infraestrutura para o jogo.

Percebe-se que, no Sudão do Sul é possível tentar canalizar o poder do futebol ligado ao nacionalismo para estabelecer a identidade de seus habitantes com o novo país, de forma a existir de fato no cotidiano social. A nova seleção não pôde participar das eliminatórias para a Copa das Nações Africanas de 2012 por ainda não fazer parte

da Confederação Africana de Futebol e da FIFA, no entanto, seria interessante ver o tipo de reações populares que ocorreriam se o time estivesse em um ambiente competitivo jogando, por exemplo, contra a própria seleção do Sudão. Em suma, no Sudão do Sul, a construção da identidade nacional pode caminhar de mãos dadas com a construção da seleção nacional. O sentimento de inclusão que jogos internacionais podem criar também é algo que pode ser explorado na consolidação do novo país. Tanto em termos de prestígio internacional, quanto em termos de identidade nacional. Imaginemos uma partida entre Brasil e Sudão do Sul onde em um contra-ataque oportuno, ou em um lance de bola parada, Khamis Liyano³⁶ marque um gol para seu país. Mesmo que o time sofra uma derrota maciça, o jogador seria recebido como herói nacional e o prestígio da seleção, e, conseqüentemente, do país seria incrementado internamente. Logicamente, a presença da seleção no circuito de amistosos internacionais, ou torneios internacionais em um momento mais maduro, terá efeito considerável no prestígio internacional, como foi verificado com a Palestina, reconhecida pela FIFA em 1998, e pela seleção iraniana na Copa do Mundo na França em 1998.

No caso dos países como Egito e Líbia, as seleções nacionais podem ser peça estratégica na construção de uma nação estável. No caso da Líbia, classificada para a Copa das Nações Africanas de 2012, a questão é ainda mais emblemática, ao passo que a campanha das eliminatórias ocorreu enquanto o país passava pela revolução que derrubou Kadafi. Para somar ao clima, alguns dos jogadores estiveram na frente de batalha com os rebeldes, como o meio campista Walid el Kahatroushi. O uniforme da seleção não mais tem os símbolos da Líbia de Kadafi, já tendo novo escudo com os símbolos revolucionários. Marcos Paquetá, brasileiro técnico da seleção líbia, tinha na sua escalação, assim como o próprio país, jogadores pró e contra o regime. Durante as

³⁶ Atual capitão da seleção do Sudão do Sul.

eliminatórias o técnico perdia os jogadores para a revolução, e após a queda do regime, jogadores pró-Kadafi como Tariq Taib não eram mais encontrados e não faziam parte da seleção. A identidade do time nacional alinhada com o novo regime pode ser utilizada como ferramenta para aumentar o prestígio internacional da Líbia e consolidar o regime no âmbito nacional. Sem dúvida, no dia 21 de janeiro de 2012, o povo líbio estará novamente unido acompanhando o jogo de abertura da Copa Africana das Nações entre Líbia e Guiné Equatorial. Ao mesmo tempo, o prestígio que pode ser obtido internacionalmente com amistosos e uma campanha que valorize uma nova Líbia participando do torneio podem ser interessantes em termos de incrementar a aceitação do novo regime.

Tanto no caso do Egito quanto no caso da Líbia, é possível que o futebol, como prática encorajada, auxilie na consolidação de práticas sociais coletivas e de integração de sentimentos nacionais e regionais, como o ocorrido no Irã, tendo em vista o caráter psicológico relacionado com o jogo:

O individualismo do século dezenove encontrou no espírito do clube certa compensação para sua solidão; democracia visivelmente diminuiu as fronteiras entre meios (socioeconômicos), [novos modos de] transporte eliminaram limitações impostas pelos espaços vitais. A popularidade de um jogo atlético local, nacional e internacional permite que a agressividade masculina contida e a habilidade técnica se manifestem de maneira inofensiva, oferecendo satisfação sensível e moderada, e permitindo o desenvolvimento de cultos “nacionalistas” e “regionalistas” sem consequências graves e se adapta [o jogo] ao novo mundo. Futebol é um jogo assim... Uma valorização técnica do valor cultural do trabalho em equipe (BUYTENDIJK apud CHEHABI 2006, p. 215)³⁷.

No caso iraniano, o futebol se tornou realmente popular nos anos 60, quando a industrialização e a urbanização levaram as pessoas do campo para a cidade, e quando a

³⁷ *Nineteenth century individualism found in the spirit of the club a certain compensation for its solitude; democracy has visibly diminished the borders between [socioeconomical] milieux, [new modes of] transportation have lifted the limitations imposed by vital spaces. The popularity of a local, national, and international athletic game that allows for restrained masculine aggressivity and technical skill to manifest themselves in inoffensive enterprises, that offers sensible and moderate satisfactions, and that allows the development of 'nationalist' and 'regionalist' cults without grave consequences is especially well adapted to this new world. Football is a game of this sort ... A technical culture value of team work.*

televisão foi introduzida no país: a sociedade poderia ir em massa acompanhar jogos nos estádios ou assistir a eles em casa em seus televisores. Nessa época, houve jogos decisivos da seleção iraniana contra a israelense³⁸ que uniram a nação em puro deleite com as vitórias – sagrando sua popularidade – (CHEHABI, 2002, p. 241-242). O esporte atingiu maior sucesso quando a seleção conseguiu se classificar para a Copa do Mundo na França, em 1998. Pensar nas nações liberadas da primavera árabe envolvidas em atividades esportivas internacionais dessa forma nos remete ao potencial que o futebol tem para unir e estabilizar tais países, provando que sim, o futebol ainda explica (e causa, ou pode causar) muitas coisas.

Pensando no Brasil é importante observar o potencial que o esporte ainda tem em termos comerciais e sociais. Primeiramente, é necessário perceber que com o forte aquecimento da economia brasileira a cadeia produtiva do futebol, somando-se a vinda de grandes eventos esportivos ao Brasil³⁹, tem potencial para incrementar seu poderio. O futebol já é um grande movimentador de capital financeiro e humano, com forte impacto na receita do país, estados e municípios, em 2008, por exemplo, as receitas dos 21 maiores clubes brasileiros teve o valor total de R\$ 1,4 bilhão. No entanto, a receita dos clubes brasileiros é menor se comparada com clubes europeus, apesar da superioridade numérica de torcedores: o Flamengo, com seus 33 milhões de torcedores, gerou US\$ 68 milhões, o Real Madrid, com 20 milhões de torcedores, gerou a módica quantia de US\$ 541 milhões (BLUMENSCHAIN, 2010 p. 42-43). Verifica-se que, com o crescimento da inclusão econômica da população é possível que a receita dos clubes aumente; o que, por sua vez, poderá possibilitar mais repatriações de craques e a permanência de talentos nos clubes brasileiros.

³⁸ Os jogos ocorreram na mesma época da Guerra dos Seis Dias, o que acabou por mobilizar a torcida do mundo árabe a favor do time iraniano.

³⁹ Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016.

Socialmente, o futebol no Brasil pode ter papel chave se considerarmos o poder que ele exerce sobre a população. Programas de inclusão social que utilizam o futebol como ferramenta de trabalho com jovens, como o Projeto Inclusão Social na Cidade de Deus⁴⁰, ou o Programa Segundo Tempo do Ministério do Esporte, têm potencial para causar impacto relevante na sociedade, em uma visão ampla, e no indivíduo, em uma visão “micro”. O trabalho de clubes com comunidades locais também possibilita o acesso ao esporte a milhares de jovens em todo o país, sendo inegável o caráter educativo que o esporte possui. Em países como Irã e África do Sul, o futebol tem papel importante na consolidação dos direitos das mulheres, sendo esse mais um cenário de atuação do esporte.

Finalmente, com a seleção nacional jogando uma Copa do Mundo em casa pela segunda vez as chances de incremento no sentimento nacional são altas. A Copa do Mundo na Alemanha em 2006, por exemplo, foi considerada como maior demonstração de nacionalismo alemão em massa após a Segunda Guerra Mundial. O Brasil tem uma oportunidade similar de trabalhar a identidade nacional com o torneio em casa e, para um país com dimensões continentais e diferenças na população colossais, tal chance é de extrema valia tendo em vista o posicionamento que o país busca internacionalmente e a crise de identidade que sofrem os brasileiros: cidadãos de um país que cresce de importância no cenário internacional, mas que, em grande parte, não percebem a grandeza que pode ser alcançada. A chance de aumentar o prestígio internacional com um evento bem organizado e, mais ainda, com uma vitória, é grande. No que tange o prestígio nacional, a vitória é uma necessidade, tendo em vista as controvérsias em torno das obras necessárias para a realização do torneio. O custo da Copa do Mundo é alto, mas a possibilidade de recuperar pelo imaginário da seleção canarinho – esquecida

⁴⁰ O projeto trabalha outros esportes, mas conta com mais adesões no futebol.

e perdida em times como o de 2010, que de tão truncado não parecia representar o mesmo país que gerou o time de 1982, que, por sua vez, parecia jogar por música – a identidade brasileira pode ter resultados de interesse nacional. O Brasil, bola da vez, pode, pela bola, encontrar outra vez uma identidade que una sua população para os próximos anos, tendo em vista os novos desafios de um país cada vez mais em evidência. Seja ela o “*mulatismo flamboyant*” de Gilberto Freyre ou as “feras” de João Saldanha, inevitavelmente, a identidade da seleção se confunde com a nação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os exemplos que verificamos até então, foi possível observar práticas eficientes de utilização do futebol como ferramenta de promoção nacional, principalmente pela Alemanha na década de 1930. No caso argentino foi observada uma tentativa fracassada de utilização do futebol como ferramenta de prestígio e legitimação. No caso brasileiro, é percebido que o futebol é uma ferramenta eficiente na geração de prestígio, mesmo sem instrumentalização, estabelecendo no mundo praticamente uma segunda identidade do país na pessoa de seus jogadores e seleção. Na introdução foi proposto que através do futebol “(...) se propagaram idéias, se definiram regimes, se organizaram resistências e se emularam conflitos”. Tal proposição é comprovada dentro dos exemplos históricos apresentados, ao passo que temos a propagação de ideias pelo regime nazista, a definição de regimes é tentada pelos governos brasileiro e argentino, e a resistência e os conflitos estão presentes nos exemplos do Barcelona, do Estrela Vermelha e no embate entre *Celtic e Rangers*.

Foram expostas, ainda, situações e conjecturas em que o futebol ainda pode vir a desempenhar papel importante. Verificando as novas dinâmicas que permeiam as relações interpessoais e políticas dentro dos países que se encontram em processo de mudança estrutural, ou em contexto revolucionário, é possível observar que há oportunidade para que o esporte seja instrumento de união e coalizão. De certo modo, verifica-se um padrão de oportunidade para a utilização de atividades esportivas, com mais foco no futebol. Países que buscam consolidar identidades, regimes, realidades, ou a própria imagem, podem lançar mão do esporte como atividade que, por sua representatividade já exposta, acaba gerando foco por parte da população em aspectos

geralmente positivos. Seja internamente – se pensarmos na seleção nacional como uma ferramenta bonapartista, ou como ferramenta de identidade nacional – ou externamente, considerando dispositivos como a diplomacia pública e a geração de prestígio no cenário internacional.

O nível de eficiência do futebol como ferramenta de *soft power* é complicado de mensurar, tendo em vista o caráter subjetivo e difuso do poder brando no seu conceito e instrumentalização. No entanto, é impossível negar que existem ramificações políticas consistentes no esporte, e também não se pode negar a facilidade de difusão de interesses, identidades, modismos, marcas e aspectos culturais através do futebol. Assim sendo, algo como o *soft power* encontra um veículo interessante para propagação e emprego efetivo. Novamente, lembramos que não podemos tratar essa esfera do poder como uma armada, ou como um exército. As dificuldades de emprego do *soft power* se dão pela peculiaridade das ferramentas que o geram. Seja a música, os esportes ou o cinema, é difícil perceber ganhos efetivos em prestígio e influência efetiva advinda de aspectos culturais. Contudo, ao verificarmos a existência de uma variável prestígio, ou apreço cultural, é possível verificar a maior aceitação de determinados países, que acabam transmitindo algumas agendas com a facilitação das relações culturais. Contabilizando o prestígio como um aspecto do *soft power*, podemos perceber de que maneira o futebol pode agir, e já agiu, taticamente dentro de uma agenda de promoção nacional e consolidação interna.

Nos exemplos históricos podem ser percebidas as inúmeras facetas que o esporte pode assumir dentro dos interesses maiores de um país, movimento social, ou movimento político. Tanto como ferramenta de prestígio e poder, quanto ferramenta de doutrina e imposição efetiva. Com alguma eficiência, o esporte propicia um ambiente de fluxo interpessoal que é fluente em transmissão de ideias e comportamentos, como se

verifica na Espanha, por exemplo, que após a Copa do Mundo de 1982 passa pelo fenômeno de “hooliganização” de suas torcidas. Já a identificação de torcidas com símbolos políticos é algo complicado, e faz com que, muitas vezes, bandeiras sejam levantadas sem que haja conhecimento profundo dos componentes do mérito defendido pela bandeira levantada – um exemplo disso são as torcidas brasileiras que tem materiais com figuras como Mao Zedong (Jovem Fla do Flamengo) e Hamas (Torcida Mancha Verde do Palmeiras). Não há uma intrínseca relação política, mas o fato de que pessoas efetivamente vestem materiais com tais símbolos mostra o que pode ser feito se uma agenda efetiva de politização fosse implementada. Apenas uma figura, sem doutrinação, faz com que os torcedores defendam os símbolos que se identificam com seus times.

Nos exemplos utilizados no terceiro capítulo são evidenciadas situações correntes e futuras que são percebidas como oportunidades para a utilização do futebol dentro de agendas positivas. É importante que se perceba que o esporte não é uma ferramenta absolutamente polivalente e capaz de mudanças estruturais. No entanto, verificam-se oportunidades em que o futebol pode ter representatividade efetiva para países e movimentos sociais. Através da análise de um padrão histórico, o mundo apresenta situações similares, guardadas proporções e adaptações, de emprego do esporte como ferramenta de consolidação e identidade geral, e de promoção nacional. Pesando potencialidades e possibilidades, podemos concluir que o futebol ainda pode explicar muitas coisas e ser utilizado positivamente como ferramenta de promoção e de prestígio. Se efetivamente isso ocorrerá, cabe a avaliação em tempo dos eventos e situações expostas.

Portanto, em linhas gerais, o futebol é uma ferramenta viável para promoção nacional no cenário internacional e no apoio à consolidação das identidades nacionais e

ideológicas. Ademais, quando apoiado e fundado em um governo com políticas coerentes, o futebol pode ser utilizado como ferramenta primária no exercício direto e indireto de *soft power* e na geração de prestígio por determinado país. Nota-se, ainda, que o esporte desempenha papel fundamental nas relações entre os países ao estreitar laços, como se percebe na agenda política brasileira. Por fim, não há outro meio similar no mundo de integração e exposição de imagem de um país, o que se comprova pelo fato de que, por exemplo, a Copa do Mundo de 2010 foi o evento mais assistido na história da televisão. Portanto, cabe aos países maior atenção ao papel e espaço que o futebol pode ter dentro de uma política de promoção nacional e consolidação de laços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLISON, Lincoln; MONNINGTON, Terry. “Sport, Prestige and International Relations”. **Government and Opposition**, v. 37, n. 1, p. 106-134, 2002.

BECK, Peter J. “The relevance of the 'irrelevant': football as a missing dimension in the study of British relations with Germany”. **International Affairs**, v. 79, n. 2, p. 389-411, 2003.

BEST, Shaun. “The Leicester School of Football Hooliganism: an evaluation”. **Soccer & Society**, v. 11 n. 5, 573-587, 2010.

BIAZZI, Alessandro; FRANCESCHI NETO, Virgílio. “Futebol e política externa brasileira: entre o político-identitário e o comercial”. **EFDeportes.com Revista Digital**. Ano 11, nº 104, janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com:80/efd104/futebol-e-politica-externa-brasileira.htm>.

Último acesso: 17 de novembro de 2011.

BLUMENSCHHEIN, Fernando; NEDAL, Rafael K. “A Importância do Futebol na Economia Brasileira”. **Cadernos FGV Projetos**. Ano 5, nº 13, junho de 2010.

BONIFACE, Pascal. “Football as a factor (and a reflection) of international politics”. **Centre d'Études et de Recherches Internationales**. Junho de 2002. Disponível em: <http://www.ceri-sciencespo.com/cerifr/archive/2002.php>. Último acesso em: 25 de outubro de 2011.

CHEHABI, Houchang E. “The politics of football in Iran”. **Soccer and Society**, v. 7, nº 2-3, p. 233-261, abril-junho de 2006.

CHOI, Brent. “World Cup and Northeast Asia: an opportunity for a new diplomacy”. **Centre d'Études et de Recherches Internationales**. Junho de 2002. Disponível em: <http://www.ceri-sciencespo.com/cerifr/archive/2002.php>. Último acesso em: 20 de novembro de 2011.

DOUGAN, Andy. “**Dynamo: defending the honor of Kiev**”. Londres, Fourth Estate, 2002.

FIFA. The FIFA World Cup TV viewing figures. **Fédération Internationale de Football Association**. Disponível em: http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/ffprojects/ip-401_05a_tvstats_9299.pdf. Último acesso em: 27 de outubro de 2011.

FOER, Franklin. “**How soccer explains the world: an unlikely fear of globalization**”. Londres, Harper Collins, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. “**Nações e Nacionalismo desde 1780 - Programa, Mito e Realidade**”. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. “**The Age of Extremes – A History of the World, 1914 – 1991**”. New York, First Vintage Books, 1994.

JUDT, Tony. “**Postwar – A History of Europe since 1945**”. Londres, Penguin Press, 2005.

KAPUSCINSKI, Ryszard. “**The Soccer War**”. Londres, Granta Books, 1990.

KENNEDY, Paul. “*¿Poder duro contra poder blando?*”. **El País**, 19 de fevereiro de 2005. Disponível em: http://www.elpais.com/articulo/opinion/Poder/duro/poder/blando/elpepuopi/20050219/elpepiopi_7/Tes. Último acesso em: 22 de novembro de 2011.

KUPER, Simon. “**Ajax, the Dutch, the War: Football in Europe During the Second World War**”. Londres, Orion, 2003.

KUPER, Simon. “**Soccer Against the Enemy**”. Londres, Orion, 2006.

KUPER, Simon. “Soccer Explains Nothing”. **Foreign Policy Magazine**. 21 de julho de 2010. Disponível em: http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/07/21/soccer_explains_nothing. Último acesso em: 19 de novembro de 2011.

LARGE, David C. “**Nazi Games – The Olympics of 1936**”. Norton, W. W. & Company, Inc, 2007.

LLOPIS-GOIG, Ramon. "Racism and Xenophobia in Spanish Football: Facts, Reactions and Policies". Valencia, Physical Culture and Sport Studies and Research, v. XLVII, 2009.

MELISSEN, Jan. "**Wielding Soft Power: The New Public Diplomacy**". Netherlands Institute of International Relations. Clingendael Diplomacy Papers n. 2, Haia. Maio de 2005.

MILLIET FILHO, Raul. "**Vida que segue: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970**". São Paulo, Editora Nova Fronteira, 2006.

NOYA, Javier. "The symbolic power of nations". **Place Branding**. v. 2, n. 1, p. 53-67, janeiro de 2006.

NYE, Jr., Joseph S. "Soft Power". **Foreign Policy**. nº 80, p. 153-171, 1990. Disponível em: <<http://www.polsci.wvu.edu/faculty/hauser/PS293/NyeSoftPowerForPol1990.pdf>>. Último acesso em 15 de novembro de 2011.

_____. "**Soft power: the means to success in world politics**". New York: PublicAffairs, 2004.

_____. "Think again: soft power". **Foreign Policy**. 23 de fevereiro de 2006. Disponível em: <http://www.foreignpolicy.com/story/cms.php?story_id=3393>. Último acesso em: 15 de novembro de 2008.

_____. "The Olympics and Chinese Soft Power". **The Huffington Post**. 24 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/joseph-nye/the-olympics-and-chinese_b_120909.html>. Último acesso em: 14 de novembro de 2008.

SARMENTO, Carlos E. "Futebol e Brasilidade: o Papel do Estado Nacional na Construção do Imaginário acerca da Seleção Brasileira". **Cadernos FGV Projetos**. Ano 5, nº 13, junho de 2010.

SHIRER, William L. "**The rise and fall of the Third Reich**". New York, Simon & Schuster, 1960.

SINGH, Bhartendu Kumar. "China, India and the race for soft power". **Institute of Peace and Conflict Studies**. 29 de dezembro de 2006. Disponível em:

<http://www.ipcs.org/whatsNewArticle11.jsp?action=showView&kValue=2186&status=article&mod=b>>. Último acesso em: 14 de novembro de 2008.

“South Sudan vs. the World: The birth of a national football team”. **CNN**, 14 de julho de 2011. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2011/SPORT/football/07/14/football.sudan.nation.south/index.html>>. Último acesso em: 18 de agosto de 2011.

SPAALJ, Ramón; VIÑAS, Carles. “Passions, Politics and Violence: A Socio-historical Analysis of Spanish Ultras”. **Soccer and Society**, v. 6, n. 1, pp. 79-96, agosto 2006.

STODDART, Brian. “Sport, Cultural Politics and International Relations: England versus Germany, 1935”. **Soccer and Society**, v. 7, n. 1, pp. 29-50, agosto 2006.

“United by fate: the history of Lybia’s rebel national football team”. **CNN**, 26 de outubro de 2011. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2011/10/26/sport/football/football-libya-africa-qualify/index.html>>. Último acesso em: 16 de novembro de 2011.

WANG, Jian. “Localising public diplomacy: The role of sub-national actors in nation branding”. **Place Branding**, v. 2, n. 1, p. 32-42, janeiro 2006.

WIJCKMANS, Ron. “**Wollt ihr den totalen Fußball?: Das Deutschlandbild in der niederländischen Fußball - Berichterstattung zwischen 1974 und 1988 - zwischen Trauma und Befreiung**”. Tese (Mestrado em germanística) – Faculdade de Filologia. Utrecht: Universidade de Utrecht, 2007.